UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

ANDRESA PEREIRA DE SENA

TRAJETÓRIA DE VIDA DE POLICIAIS NEGRAS/OS DO DF:

AS IMPLICAÇÕES DE SER NEGRA/O E "*ESTAR POLICIAL*"

BRASÍLIA

2017

ANDRESA PEREIRA DE SENA

TRAJETÓRIA DE VIDA DE POLICIAIS NEGRAS/OS DO DF:

AS IMPLICAÇÕES DE SER NEGRA/O E "*ESTAR POLICIAL*"

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Banca examinadora:

Analia Laura Soria Batista (SOL/UnB) - Orientadora

Haydée Glória Cruz Caruso (SOL/UnB)

Brasília, julho de 2017

ANDRESA PEREIRA DE SENA

TRAJETÓRIA DE VIDA DE POLICIAIS NEGRAS/OS DO DF:

AS IMPLICAÇÕES DE SER NEGRA/O E "*ESTAR POLICIAL*"

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Sociologia.

Brasília, 07 de julho de 2017.

Banca Examinadora

Profª Drª Analia Laura Soria Batista (Orientadora)

Universidade de Brasília – Departamento de Sociologia

Profª Drª Haidée Glória Cruz Caruso

Universidade de Brasília – Departamento de Sociologia

Dedico aos meus pais: Maronita Pereira de Sena e Abdoral Francisco Pereira. Pela fé na minha chegada até aqui!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por estar aqui hoje. Graças dou.

Agradeço aos meus pais: Maronita Pereira de Sena e Abdoral Francisco Pereira por toda minha trajetória trilhada e por toda confiança e amor dedicado a mim. Agradeço a minha família materna por me encorajar a continuar nessa vida estudantil.

Sou grata a minha orientadora, Analia Laura Soria Batista, por seu profissionalismo, por suas orientações desde o projeto de métodos de pesquisa e por apoio nos momentos em que não sabia como seguir com esse texto.

Agradeço as minhas amigas que me acompanham desde o início da minha vida acadêmica, as "Deusas sim, santas jamais": Ana Valéria da Silva Carvalho, Maysa Gonzaga Ferreira e Gabriela Costa Carvalho. Mulheres estas que me inspiraram durante toda a Graduação, que acompanharam de perto cada passo que dei na Universidade, que me encorajaram a todo momento e que me apresentaram que o Feminismo liberta. Muito amor por mulheres como elas.

Sou grata também aos meus amigos que conheci nessa vida acadêmica e que me apoiaram em todas as minhas crises por conta da Universidade, me acalmando e me incentivando a continuar com a escrita: Matheus Ribeiro, Wanderson Barbosa, Lucas Almeida. Obrigada por tudo!

Agradeço ao PET/SOL, que por três anos e meio me proporcionou experiências acadêmicas nunca obtidas antes. Por todas as amizades que cultivei nesse espaço. Agradeço imensamente as petianas e os petianos e aos tutores que passaram por esse Projeto desde 2013. Especialmente a Andreza Carvalho que se dedicou a me ajudar na análise das minhas entrevistas e por todas as conversas ricas que tivemos no pouco período em que estivemos juntas.

A Gestão do Centro Acadêmico de Sociologia da Universidade de Brasília – CASO, em que fiz parte no ano de 2013/ 2014 que me proporcionou experiências políticas importantes para a minha formação enquanto pessoa. Por me ensinar a lutar por uma Universidade do povo e para o povo da periferia.

Não posso deixar de agradecer a professores que contribuíram com a minha afinidade pela área que estudo hoje. Primeiramente a minha professora de Ensino Médio Renata Nogueira por me apresentar a Sociologia e ao professor Thiago Vasconcelos que não me deixou desistir da Universidade Pública.

As professoras e professores que me fizeram ter contato com o Estudo das Relações Raciais e da Sociologia da Violência: Ana Flauzina, Joaze Bernardino e Haydée Caruso. Aos que me orientaram em projetos na Universidade: Tânia Mara Campos de Almeida, Stefan Klein e Fabrício Monteiro Neves.

Agradeço as "Coleguinhas", por me apoiarem nesses últimos momentos de escrita, por todas as cervejas que me trouxeram momentos de distração (no bom sentido da palavra) e por toda ajuda oferecida a mim: à Alice Goveia, Juliane Carine, Keila Pereira de Lima, Nathaly (nossa pequena) e Renatha Tertulino.

Agradeço aos meus amigos: Arthur Ferreira, Eduardo Rodrigues, Luan Jardel por toda conexão que me fizeram manter com a cidade em que moro e com todas as vivências que qualquer periférico compartilha. Obrigada por todo apoio e ensinamento.

Não posso deixar de agradecer ao meu companheiro e amigo confidente, João Augusto de Castro Cruz, que compartilhou comigo cada momento dessa escrita. Esteve do meu lado nos momentos de ansiedade e desespero. Por toda ajuda na organização do meu tempo para produção dessa monografia. Por todo amor, carinho e afeto quando eu mais precisei. Obrigada.

Preciso agradecer também aos participantes dessa pesquisa, sem eles não teríamos o corpo dessa monografia. Obrigada a todas e todos policiais que falaram de suas trajetórias para que esse projeto seguisse.

"O barato é louco e o processo é lento

Vou batendo cabeça caminhando contra o vento

Tudo que eu queria era um barraco na favela

Não ver os meus irmãos trancados numa cela[...]"

Mano Stilo de Rua[1]

"Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.

[...]representa meu anseio e tentativa de elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso do negro sobre o negro, no que tange à sua emocionalidade.

[...]é um olhar que se volta em direção à experiência de ser-se negro numa sociedade branca. De classe e ideologia dominantes branca. De estética e comportamentos brancos. De exigências e expectativas brancas. Este olhar se detém, particularmente, sobre a experiência emocional do negro que, vivendo nessa sociedade responde positivamente ao apelo da ascensão social, o que implica na decisiva conquista de valores, status e prerrogativas de brancos."

Neusa Santos Souza

[1] Rapper e antigo morador do Varjão. Para ouvir música completa, acessar: https://www.youtube.com/watch?v=-jiQsNDvDvA

Resumo

Nas duas últimas décadas, vários estudos com interesses em compreender a violência no Brasil foram feitos. Entre esses estudos, encontramos diversas análises sobre a Polícia Militar no Brasil. Parte deles com o foco em entender a relação polícia e sociedade, polícia e o Estado, o trabalho policial, o aumento da violência e o papel da Polícia Militar na diminuição do crime, entre outros. O enfoque desse trabalho foge um pouco do caráter de entender a instituição militar e se propõe afunilar um pouco mais essa estrutura. Alguns estudos apontam para o racismo institucional na Polícia Militar brasileira, relatando a violência policial nas periferias contra jovens negros. Mas várias análises sobre o perfil da PM nos mostram que grande parte da Polícia Militar brasileira é negra. Outros estudos também apontam para o perfil da suspeição policial, indicando que o suspeito está vinculado a figura do jovem negro e pobre. Sendo assim, o interesse dessa pesquisa está na trajetória de vida de policiais militares ado Distrito Federal autodeclarados negros, afim de compreender os processos que os levaram a entrar na polícia e qual a origem desses polícias. Para tanto, é preciso apreender o que é ser negro na perspectiva desses policiais e suas experiências enquanto socialmente reconhecidos como tal. Estamos interessados em entender as vivências negras anteriores a entrada na polícia por parte desses policiais e as implicações de ser negro e ser policial.

PALAVRAS-CHAVE: policiais militares, trajetória de vida, negros.

Lista de quadros e mapas

Quadros

Quadro 1 – Distribuição da frequência de engajados brasileiros por cor da pele por período.....19

Quadro 2 – Distribuição de frequência de engajamentos de não-brancos por designação de cor de pele.....20

Quadro 3 - Efetivo das Policias Militares por raça (Brasil, 2004).....23

Quadro 4 – Cor/raça agregadas (categoria cor/raça "negra" é a soma de "preta" e "parda").....23

Quadro 5 – Mapeamento Étnico-Racial da PMDF.....24

Quadro 6- Perfil dos entrevistados.....50

Mapas

Mapa 1: Percepções das Cidades Suspeitas do Distrito Federal pelos Policiais Militares.....58

Lista de abreviaturas e siglas

AESP - Arquivo do Estado de São Paulo

BOPE – Batalhão de Operações Especiais

CIAD – Centro Integrado de Atendimento e Despacho

CFO - [*Curso de Formação de Oficiais*]

CPRV – Companhia de Polícia Rodoviária do Distrito Federal

DF – Distrito Federal

FUNEVEST – Fundação Universitária para o Vestibular

GEB - Guarda Especial de Brasília

GM – Guardas Municipais

GO – Goiás

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IVJ - Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade

MG- Minas Gerais

NOVACAP - Companhia Urbanizadora da Nova Capital

PATAMO – Patrulhamento Tático Móvel

PC – Polícia Civil

PM – Polícia Militar

PMDF – Polícia Militar do Distrito Federal

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

RJ – Rio de Janeiro

SENASP - Secretaria Nacional de Segurança Pública

UnB – Universidade de Brasília

Sumário

Introdução 1

Capítulo 1: Os trajetos da pesquisa 5

1.1- O objeto 5

1.2- O campo, suas particularidades e desafios 7

1.3 - Uma revisão de Literatura: estudos sobre policiais negros 10

Capítulo 2 – A Polícia Militar no DF: Identidade étnico-racial 16

2.1. História da Polícia Militar: um breve resgate 16

2.2 A PM hoje: Perfil sócio demográfico e racial da polícia 23

2.3 – "Ser Negro" na PM: percepções sobre cor e identidade 28

2.4 – *"Eu não sou policial, eu estou policial. Tem essa diferença":* a profissão e a cultura policial 35

2.4.1 – "*Estar-policial*": a profissão na vida pessoal 35

2.4.2 – "*Saber policial*": a inserção da cultura policial 37

Capítulo 3 – Tecendo trajetórias de vida: o jovem negro e a/o policial negra/o 40

3.1 – Sou... 40

3.2 – Policial negro e as percepções sobre o suspeito 53

3.3 – O policial e o jovem negro: entrelaçamento de vidas semelhantes 61

Considerações Finais 64

Referências Bibliográficas 66

Apêndice 1 – Carta-Convite para a pesquisa 70

Apêndice 2 – Roteiro para entrevistas semiestruturadas realizadas com a Policiais Militares negros do DF 71

Introdução

O tema proposto para a pesquisa decorreu de uma breve reflexão sobre a relação entre o suspeito negro e a polícia negra. Segundo Silva (2009), a construção do indivíduo taxado como suspeito se dá na figura do jovem negro, pobre. A partir disso e do entendimento que parte da Polícia Militar no Brasil é negra cabe questionar: quem são esses policiais; como foi a trajetória de vida dessa ou desse profissional antes de fazer parte da polícia; e por que escolheu tal profissão.

Ainda temos uma maioria da população negra no Brasil que se encontra em classes sociais baixas. A maior parte das periferias do país é constituída por negras/os. São nesses locais que temos grandes índices de homicídios de jovens negros e ações violentas por parte da polícia. São nesses mesmos espaços em que vemos denúncias e relatos de que a polícia exerce abordagens severas, onde frequentemente o suspeito é jovem, negro e do sexo masculino. Aquele que foge da figura do "sujeito de bem", que, socialmente se concentra no indivíduo branco, classe média, com determinados trajes que não sejam blusões, bermudas, tatuagens e brincos (SILVA, 2009), é o sujeito de que a polícia diz desconfiar.

O conceito de *estigma*, na perspectiva de Goffman (1982) tem muito a contribuir para esta reflexão. Segundo esse autor, o *estigma* é formado por uma relação entre atributos e estereótipos que têm sua origem na construção social dos significados por interações. Os estigmas são tipos de categorias criadas pela sociedade externas ao indivíduo. Elas geralmente são a determinação de padrões considerados certos e/ou normais. Em outras palavras: a sociedade cria padrões, aos quais submetem os indivíduos, de forma a não se desviarem.

Nesse sentido, a percepção de categorias nos sujeitos se relaciona com a categorização dos suspeitos. Aquele que foge dessas categorias é pouco aceito pelos grupos sociais que nelas se fundamentam. Essa é a chamada identidade social visual, que está externa ao indivíduo, criada por outros

O indivíduo que não se encaixa na identidade criada como normal pela sociedade escapa da *normalidade* e passa a ser a identidade negativa, e pode ser considerada uma pessoa má ou perigosa. A negritude tem um histórico de

preconceitos atribuídos à cor de seus corpos. Ela sempre esteve associada a sujeira, pobreza, feiura, maldade e todos os adjetivos negativos de subalternidade (SOUZA,1983). E nesse sentido, a identidade social do sujeito é deteriorada pela carga do racismo que a sociedade, ainda, carrega.

A/O policial negra/o é aquela/e que transita entre os dois espaços, o de indivíduo sem farda, ou seja, o mesmo espaço de suspeito - e não seria estranho se fosse tratado como tal - e o de policial, aquela/e que taxa quem é suspeito. Ou seja, a/o mesma/o policial transita entre a posição de suspeito e a posição de quem aborda e trabalha em cima do suspeito. Acredita-se que esse duplo pertencimento influencia as experiências que essas/es policiais tiveram enquanto jovens negras/os em contato com a polícia e, consequentemente, seus processos de escolha e formação profissional.

Segundo dados do relatório da SENASP de 2009, temos um contingente alto de negros na área policial no Brasil. É, talvez, de se surpreender, pois também temos altos índices de homicídios da juventude negra no Brasil. Surpreender, porque se observa o conflito entre pessoas de mesma identificação étnico-racial, e talvez de histórias de vida parecidas. Esse conflito obviamente não é novo, mas na perspectiva do estudo de segurança pública, é um embate a ser estudado.

Os dados da SENASP (2009) apontam que numa estimativa nacional 58,1% dos policiais militares praças são negros e de oficiais são cerca de 47%. Com esses dados, é possível observar o grande contingente de policiais negros em vários âmbitos da polícia. É preciso pontuar, e essa é uma das jusficativas para esse estudo, que ocupar tal posição, não fará da/o policial uma pessoa que não contribua para a repercussão de racismo ou violência.

Angela Davis (2009) em *"A democracia da abolição",* faz um debate sobre o aprisionamento de negros. Ela aponta que colocar negros em locais de poder não significa que teremos um progresso com relação ao desmantelamento da estrutura racista. Mas essas portas que são abertas, significa a criação de novos terrenos para novos questionamentos e novas direções:

> "O desafio do século XXI não é reivindicar oportunidades iguais para participar da maquinaria da opressão, e sim identificar e desmantelar aquelas estruturas nas quais o racismo continua a ser firmado. [...] Estou sugerindo que nós precisamos de uma nova era - com uma nova

> política - que trate do racismo estrutural que determina quem vai para a cadeia e quem não vai, quem frequenta a universidade e quem não frequenta, quem tem seguro-saúde e quem não tem." (DAVIS, 2009, p. 34-35)

Ou seja, ser policial negra/o não a/o faz deixar de adotar procedimentos da instituição policial entendidos como racistas. Mas, considerando ainda o fator raça como importante nessa relação suspeito-policial, fica perceptível, a importância em compreender a trajetória dos mesmos e seu imaginário em relação a estereotipação do indivíduo negro.

A partir da reflexão sobre as posições suspeito-polícia a pesquisa busca discutir a trajetória de vida de policiais autodeclaradas/os negras/os, pensando os caminhos trilhados enquanto indivíduos negros sem farda até chegarem ao encontro da profissão policial, ou seja, as implicações de ser negro e ser policial.; os processos que os levaram a entrar na polícia e qual a origem desses policias. Para tanto, é preciso apreender o que é ser negro na perspectiva desses policiais e suas experiências enquanto socialmente reconhecidos como tal.

No capítulo um dessa monografia, são apresentados os caminhos que trilhei no desenvolvimento dessa pesquisa. Como aconteceram os encontros entre entrevistadora e policiais, quais as particularidades do campo, os desafios que o mesmo proporcionou e as estratégias que foram utilizadas para o avanço do trabalho. Ou seja, nele trilha-se a metodologia da pesquisa.

No segundo capítulo o foco inicial está em identificar o perfil da Polícia Militar desde sua formação, até atualmente. Num segundo momento discutimos a construção da identidade negra e identidade policial formada a partir do momento que policiais entram na PM, a fim de localizar o que nossos entrevistados entendem por ser negra/o e ser policial.

Já no terceiro capítulo são apresentadas as trajetórias contadas e relatadas pelos policiais aqui entrevistados. Tem-se ainda a discussão sobre o policial na sua juventude negra e o que eles entendem por suspeito, com o propósito de entrelaçar essas vivências do jovem negro e da/o policial negra/o.

Fazendo uso das palavras de Neuza Souza Santos, esse projeto “representa meu anseio e tentativa de elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso do negro sobre o negro, no que tange [também] à sua emocionalidade” (1983, p. 17). Considerando o pontuado, essa pesquisa se propõe tecer a trajetória de vida dessas/es policiais do Distrito Federal.

Capítulo 1: Os trajetos da pesquisa

> *"Finalmente entra em cena, com direito a voz, veto e voto, exercitando a liberdade de crítica, o principal ator no drama da segurança pública, o protagonista de épicos e tragédias, o cidadão comum e trabalhador – sempre alvo de cobranças, frequentemente objeto de preconceitos--, aquele que, até hoje, paradoxalmente, não foi escutado e, por vezes, foi silenciado: o policial; a policial [...][2]"*

Neste capítulo descrevo os caminhos que me levaram a me debruçar sobre a problemática proposta. Para tanto é interessante descrever o que me motivou a trabalhar com tais áreas da Sociologia da Violência e Sociologia das Relações Raciais.

1.1- O objeto

"O negão era polícia, irmão, mó castelo"[3]

Por todo o período em que cursei a graduação em Sociologia, poucas foram as vezes em que não me deparei com temáticas ou matérias que estivessem ligadas ao Estudo das Relações Raciais. Estive também em contato com a área de Segurança Pública e principalmente com trabalho policial não somente devido aos estudos e disciplinas ofertados na academia, mas também pela presença dos atores e sujeitos ali estudados na realidade vivencial de moradora do Varjão bem como na realidade daqueles que fazem parte do meu cotidiano.

Para aqueles que veem minha aparência, esses interesses não causam total estranhamento considerando o meu lugar de fala: mulher negra, moradora de cidade periférica vigiada pela Polícia Militar, assim como amigos e familiares negros que estão submetidos a tal vigilância. Mas o que realmente despertou em mim esse interesse em trabalhar sobre a trajetória de policiais negros, inicialmente, foi a inquietação em

---

[2] SOARES, L.E; ROLIM, M.; RAMOS, Silvia. *O que pensam os profissionais da segurança pública, no Brasil.* 2009. Ministério da Justiça, SENASP.

[3] Música Racionais Mc's.

relação à abordagem policial em suspeitos identificados enquanto negros. A partir de experiências com pessoas próximas a mim, era possível subtrair de tais abordagens uma diferenciação de tratamento entre sujeitos brancos e negros.

Diante de tais prerrogativas, a minha pergunta inicial se concentrava na abordagem policial acometida por policiais negros sob um referencial de suspeito também identificado como negro. Ou seja, o que o imaginário desses policiais autodeclarados negros nos informa sobre a abordagem policial de suspeitos identificados como negros, considerando-se as possíveis implicações dessa identificação racial mútua.

À medida em que desenvolvemos essa questão, inclusive tendo em vista as relações de poder entre o policial negro e o suspeito negro foi possível expandir as considerações sobre essa relação.

Os anuários e relatórios de órgãos como a SENASP e mesmo pesquisas acadêmicas com foco quantitativo, nos trazem dados que permite inferir qual o perfil sócio demográfico e étnico-racial dos suspeitos da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) e nacionalmente**:** em sua maioria pobres, homens, jovens e negros. Os mesmos não são suspeitos somente no procedimento de abordagem policial (o popularmente conhecido *bacu* ou *baculejo*), mas tais perfis também são os que mais alimentam as estatísticas de mortalidade por causas violentas no Brasil. Há grande porcentagem de jovens negros sendo mortos na periferia.

O Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade 2014 (IVJ), indicador do Plano Juventude Viva, aponta em seu relatório referente ao ano de 2012, que o fator cor/raça está diretamente relacionado ao risco de jovens negros serem vítimas de homicídios, enquanto esse índice é menor para jovens brancos na maior parte do Brasil. No caso do Distrito Federal, comparado nacionalmente, somos o quarto Estado com maior índice de risco no que se refere a homicídios da população negra. O risco de um jovem negro ser morto é 6,5 vezes maior que um jovem branco. O que nos coloca como o segundo Estado da região Centro-Oeste com maior índice de risco de homicídios da população negra, o primeiro é o Estado do Goiás, onde está localizado o entorno do DF.

Enquanto existem pesquisas de âmbito nacional que analisam o perfil das vitimas de homicídios no Brasil, poucos são os estudos que relatam o perfil dos policiais vítimas de homicídios em serviço e fora de serviço. Alan Fernandes (2016) em "*Vitimização Policial: análise das mortes sofridas por integrantes da Polícia Militar do Estado de São Paulo (2013 – 2014)* aponta não somente a quantidade de policiais militares mortos nesse período, como faz um balanceamento do perfil destes policiais. Em 2013 e 2014 foram 138 casos de policiais mortos em serviço e fora de serviço, sendo 118 policiais mortos fora de serviço e 30 em serviço. Entre o perfil temos 23,65 % de pardos, 2,70% de pretos e 15,54% dos casos não haviam informação referente a cor/raça. Em outra pesquisa realizada também no Estado de São Paulo pela Secretaria de Segurança Pública em 2016, a proporção de pessoas mortas por policiais em serviço para policiais mortos em serviço foi de 21 para 1. Ou seja, de alguma forma a população ainda tem sofrido com a violência policial.

Tais dados nos fazem pensar sobre a relação entre polícia e cidadão, nos faz questionar a relação policial negro e o "neguinho da favela", uma relação de perigo e de conflitos, que até mesmo aparenta contraditória. Observando os fatores de cor, localidade e vivenciais, pensou-se: De onde vêm esses policiais negros? Qual sua trajetória enquanto negro fora da instituição e depois de se integrar a ela? Há semelhança entre os perfis aqui descritos e confrontados? A questão é, em que essas trajetórias de vida dos policiais negros e suspeitos negros se parecem e se se parecem.

1.2- O campo, suas particularidades e desafios

Como já mencionado, me concentro na tentativa de entender a trajetória de vida de policiais militares negros do Distrito Federal. Para tal, foi preciso que os mesmos se autodeclarassem enquanto negros. Mas dois desafios seguiam a frente: 1) A minha entrada em um campo não muito receptivo, no sentido de que: é um campo restrito a depender do tema pesquisado; 2) a dificuldade de encontrar respondentes para as entrevistas. Os policiais demonstraram dificuldades para relatar suas experiências de vida anterior ao "ser-policial". Para isso era preciso construir minimamente uma relação de confiança para que fosse atingido os objetivos dessa pesquisa.

Meu primeiro contato foi com um policial que fez mestrado no Departamento de Sociologia da UnB. Esse contato foi fundamental para a realização da pesquisa porque ele me forneceu outras indicações, originando a técnica de bola de neve. Após entrar em contato com os contatos indicados, não obtive respostas positivas por vários motivos: impossibilidade de horários para entrevista pessoalmente (o que levou muitos a me pedirem questionário por e-mail); imprevistos no trabalho (urgências fora do horário de plantão); ou até mesmo a impossibilidade de me deslocar sozinha a uma cidade muito distante da minha em horários noturnos.

Sendo assim, tive que procurar outros mecanismos para entrada em campo. A identificação e recrutamento dos participantes da pesquisa se deu então de forma aleatória. Constatada a dificuldade de seguir com a técnica bola de neve, percebi que deveria adotar outros métodos. Para isso, utilizei-me das redes sociais para fazer pesquisas em grupos que continham a participação de policiais militares do DF.

A maneira que encontrei de me inserir nesses grupos ocorreu por meio de convites que enviei aos administradores dos grupos da PMDF no *Facebook*. Depois de receber aprovação, passei a fazer um tipo de avaliação fenotípica de alguns de seus membros. Entendendo que a classificação racial indicada pelo IBGE em suas pesquisas é representativamente confiável para mensurar a quantidade de negros no Brasil, procurei nos perfis de *Facebook* dos participantes do grupo por pessoas socialmente reconhecidas como pardas e pretas (segundo a tonalidade de pele e presença de traços negróides). Uma vez identificadas, enviei mensagem relatando o teor da pesquisa questionando o interesse e a disponibilidade em participar. Assim, algumas respostas começaram a aparecer de maneira positiva.

Um dos entrevistados ao marcar o local de encontro disse que estaria em um evento localizado no centro de Brasília e me perguntou se a entrevista poderia ser feita neste local. Não neguei a possibilidade de encontro, pois o local não aparentou ser empecilho para a realização da entrevista. Ao chegar ao local do evento percebi que estava em um lugar onde todas as instituições responsáveis pela segurança no DF, entre elas a PMDF, se faziam presentes. Entendi que o local era propício para encontrar policiais negros que pudessem me ajudar na pesquisa. Entreguei também cartas (Apêndice 1) que eu já havia elaborado explicando como se daria a pesquisa. Dessa

maneira consegui o contato de mais cinco policiais interessados. Ao todo entrevistei seis policiais.

Considerando-se que o desenvolvimento da minha pesquisa se orienta por uma análise qualitativa e, considerando também o teor das técnicas de oralidade e sua extensividade, não quis me estender com mais pessoas a serem entrevistadas, haja vista que o trabalho aborda histórias de vida que se concentram em detalhes e que talvez pela quantidade de informações não caberiam nas páginas desta monografia.

Foram aplicados seis questionários semiestruturados (Apêndice 2) aos policiais, que apesar do método seletivo a qual fiz uso, se autodeclararam negros na entrevista. Em alguns casos apareceram outras categorias que se aproximam da categoria negro, como por exemplo, "moreno claro".

Sobre os locais da pesquisa, todos os entrevistados são de diferentes batalhões, sendo a maioria dos batalhões das regiões administrativas e uma do centro de Brasília. Quando utilizo o artigo "uma", me refiro a única policial feminina entrevistada. E apesar de não poder me aprofundar nas especificidades dos relatos em sua fala, que perpassam o campo do Estudo das Relações de Gênero, é importante mencionar que a fala dessa policial abre possibilidades de estudos interseccionais mais complexos que merecem uma abordagem futura.

Diante do relatado acima, essa pesquisa tem o intuito de trabalhar com análises do discurso, entendendo tais discursos como "práticas sociais" e "que o mesmo não ocorre em um vácuo social" (Gill, 2008:248). Esses discursos são produzidos de maneira que os atores se orientam por meio do "contexto interpretativo", o que influencia na forma como o discurso é construído (Gill, 2008:248). É importante perceber que existem particularidades nos discursos, assim como existem também momentos em que eles vão convergir em pontos muito específicos, mas isso não descaracteriza a importância de analisar suas minúcias, que por mais particulares que sejam, têm vínculo com o contexto já inserido.

> "O ponto central aqui é que não existe nada "simples", ou sem importância, com respeito à linguagem: fala e textos são práticas sociais, e até mesmo afirmações que parecem extremamente triviais, estão implicadas em vários tipos de atividades. Um dos objetivos da análise de discurso é identificar as

> funções, ou atividades, da fala e dos textos, e explorar como eles são realizados." (Gill, 2008: 250)

Mediante as colocações acima, trabalhar com trajetórias exige a inclusão de tal instrumento metodológico para análise das entrevistas, para melhor compreender caminhos, contextos, locais de fala e as posições que esses policiais estão inseridos. Quanto ao conceito de trajetórias trabalharemos em seguida.

1.3 - Uma revisão de Literatura: estudos sobre policiais negros

Para localizar em que campo nos inserimos, este tópico propõe-se a debruçar-se sobre o estado da arte da discussão sobre a presença de negros na Polícia Militar e as diversas linhas e contribuições que tal objeto trouxe para essa Literatura.

Há uma vasta literatura sobre polícia no Brasil, principalmente a PM. Várias impressões e acontecimentos levaram Cientistas Sociais terem interesse por tal área, entre eles o aumento da violência, ou melhor dizendo, a repercussão de uma guerra[4] entre polícia e sociedade, a qual gerou e gera medo populacional e uma "maior" ação da força policial em determinados locais em que esses agentes policiais apontam como o maior grau de violência. O campo da sociologia da violência nos relata claramente esse embate. Quanto ao perfil desses policiais podemos identificar grande porcentagem de rostos negros nas corporações.

Alguns estudos nas Ciências Sociais levantam como problemática o debate entre o procedimento de revista da Polícia Militar e o perfil dos que são suspeitos. Não surpresos, várias dessas pesquisas apontam semelhanças entre os identificados da polícia, são eles: homens jovens, pobres e negros (SILVA, 2009). As autoras e autores apresentados abaixo fazem parte dessa literatura e a despeito de trabalharem com diferentes problemáticas, suas abordagens partem do mesmo objeto.

Aline Maia Nascimento (2014) em *"A linha tênue entre os vigias e os vigiados: As práticas policiais de PM's negros em seus encontros com a comunidade negra do*

[4] O termo guerra não está sendo usado como a definição do dicionário. O que estamos querendo problematizar aqui é essa lógica de embate entre sociedade e polícia, como inimigos de lados opostos, onde a polícia deve combater criminosos, não especificamente o crime. A lógica de "sujeitos criminais" (Misse, 2010), que devem ser tirados de cena de alguma forma.

Distrito Federal", se propõe a entender: as representações sociais dos policiais autodeclarados negras/os; como se percebem dentro da corporação; e como eles entendem a abordagem policial – fazendo uso da discussão de racismo institucional e se tais representações têm implicações sobre como taxar aqueles que são suspeitos nas abordagens. Ou seja, o interesse da autora está nas práticas policiais de policiais negros a partir das representações sociais dos mesmos. Os resultados indicam que a preferência por indivíduos negros ainda persistem nas abordagens policiais, e para esses policiais o fator classe sobrepesa o fator raça nesse tipo de situação. Entre os argumentos dos entrevistados na pesquisa está a falta de incentivo do Estado e de oportunidades para os jovens negros que acabam achando outras formas de sobrevivência, como por exemplo, no crime. Mas para os estudos das relações raciais, sabemos que as categorias de classe e raça, também precisam estar separadas para entender em que ponto a racialização está presente nas relações sociais e as particularidades de cada fenômeno. Na análise da autora:

> "[...] para os policiais a abordagem direcionada ao grupo negro é considerada como uma rotina necessária, visto que o grupo constantemente vigiado tem, na maioria dos casos, sua origem em camadas populares.
>
> Vale observar que a discriminação que é exercida cotidianamente, por vezes, tenta se esconder em discursos que reforçam que o problema do negro no Brasil é puramente social." (2014, p. 42)

E apesar de tais policiais terem vindo de camadas populares, como indicado pela autora, esse encontro que é inevitável quando trata-se de vigiados das periferias do Brasil, durante as abordagens o tratamento com cidadãos negros ocorre de maneira diferenciada.

George Luiz Pires (2010) em *"A cor da farda: as relações raciais na Polícia Militar de Sergipe"*, propõe-se a estudar os sistemas de classificação oficial e rotineiro e os conflitos advindos de tensões raciais na Polícia Militar de Sergipe, a fim de compreender "como o policial se vê dentro da Corporação em relação à sua cor (PIRES, 2010: 16)". O autor pretende compreender primeiramente como tais policiais se veem em relação a sua própria cor; e como ele vê aqueles que são próximos racialmente, os seus subordinados e os seus superiores em relação à cor. Essa preocupação em fazer um estudo com policiais negros a partir da lógica de hierarquia dentro da corporação, tem como princípio entender se tais classificações identitárias que aparecem fora dessa

hierarquia policial permanecem nas relações entre os mesmo. Essa condição identitária é influenciada pelo seu lugar de fala na corporação? O autor apresenta que é a partir desses questionamentos que o discurso da democracia racial começa a aparecer nas respostas dos seus interlocutores como uma forma de defender a igualdade racial da instituição militar, de maneira que essa democracia racial é confundida com laços de intimidade entre policias, que refletiria nessa quebra hierárquica entre os pares. O discurso institucional está sempre voltando como forma de defesa a instituição.

> "A insistência na ideia de democracia racial diante dos "perigos da profissão" significa, para PMSE, portanto, fomentar uma certa forma de sociabilidade na qual o princípio basilar mantêm-se sustentado por relações de intimidade, apesar da forte hierarquia institucional." (2010, p. 55)

Esse discurso igualitário, apesar das divisões claras provocadas pela hierarquia, a defesa de um discurso institucional de homogeneidade entre as partes que compõem a PMSE, o autor afirma que essa é uma forma de invisibilizar a identidade étnico-racial dos membros do corpo policial. Contudo, há uma valorização da Polícia Militar com a justificativa que é uma das poucas instituições "em que os brasileiros negros sentem-se iguais aos demais cidadãos". (p. 53)

Lívio Sansone (2002) em *"Fugindo para a Força: Cultura Corporativista e 'Cor' na Polícia Militar do Rio de Janeiro"* tem como objetivo trabalhar com policiais afrodescendentes da PM, na tentativa de compreender como os discursos de raça e identidade racial permeiam tal corporação. A Polícia Militar, segundo Sansone, é uma profissão que para os policiais negros, tornou-se uma forma de ascensão, além de trazer a ideia de poder para aqueles que historicamente estiverem do outro lado, o lado vigiado. Diz mais, a forma de auto identificação e de identificação de outros - como quando é preciso identificar em formulários algum suspeito da polícia - as categorias de negritude se ampliam, e cada policial identifica de forma individualizada. É interessante se pensar e tal discussão quando são questionados enquanto membros de uma corporação e enquanto cidadãos comuns, onde o discurso corporativista, como afirma o autor, aparece novamente com a prerrogativa de que "somos todos azulões". Mas, o que chama atenção nesse trabalho, é que ainda assim a PM tem mudado o seu quadro de oficiais, onde o número de pretos e pardos tem aumentado. Apesar das diferenças entre praças e oficiais, o discurso "separada, mas igual" existe e faz parte dessa cultura

corporativista da PM e que é interpretada de maneira diferente a depender da posição de quem fala. Sendo assim,

> Para os soldados, a existência de uma Corporação grande e abrangente é um instrumento para a reivindicação de um certo grau de igualdade de tratamento e de condições de trabalho. Para os oficiais, a "cultura da PM", como eles a chamam, é um instrumento para exigir conformidade e obediência dos subordinados às regras e valores (deles próprios). Para os soldados, a democracia pode e deve combinar-se com a hierarquia militar, ao passo que, para os oficiais, hierarquia e democracia são inconciliáveis. (2002, p. 523 – 524)

Observamos que de certa forma há uma ligação entre os três autores quando estão tratando dos policiais negros, a construção de identidade ou sua percepção sobre ela enquanto sujeitos em uma nova posição social, que tange a uma posição de poder.

Diante de todas essas controvérsias apresentadas acima sobre o mundo policial e seus sujeitos, indago: De onde vieram esses policiais? Como eles percebem esse jogo de posições num mundo social, enquanto cidadãos comuns - sem farda - e como cidadão policial. Não querendo me desviar do debate das construções de identidades bem exposto acima, deixo com que meus interlocutores tracem tais construções e falem das percepções acerca de seus pares, no quesito racial.

Quando nos referimos a trajetórias de vida possivelmente vamos nos remeter à ideia de história de vida. Mas não qualquer forma/ou jeito de relatar história de vida, mas uma certa sequência de momentos e ou/caminhos percorridos, quase que se aliando a algo como Biografia. Para esta pesquisa é preciso falar sobre tais diferenciações entre Trajetórias e Histórias de vida.

Bourdieu (1986) em "A Ilusão Biográfica" apresenta críticas ao que seriam essas duas categorias. Para o autor, não existe "sequência cronológica e lógica nos acontecimentos e ocorrências na vida de uma pessoa". Não existe uma linearidade nesses acontecimentos, onde todos se ligam causalmente (Montagner, 2007, p. 251). Não que uma narrativa não possa se organizar na ordem nascimento, crescimento e morte. Estamos falando de narrativas, de falas biográficas que podem não ser coerentes e coesas num esquema de inter-relações. (Montagner, 2007)

O fator a ser considerado aqui é que tais interpretações de linearidade, ou de sentido de causalidade são dados por quem está fazendo tais relatos ou pelo pesquisador que está a observar e analisar tais sentidos do discurso proferido. E nesse sentido a análise do discurso nessa pesquisa é importante. A tentativa de encontrar coerência nos relatos apreendidos nas entrevistas que faz com que tais ações durante a vida de um sujeito façam algum sentido no mundo social.

Esse indivíduo, porém, não está localizado sozinho no mundo e não carrega experiências e vivências individualistas. De modo que é preciso localizar tais sujeitos como histórico e sociais, no sentido de sofrer influências externas a ele. Nesse sentido, tais trajetórias de vida estão imersas no social, onde passam por processos de interiorizações e trocas relacionais. Ou seja, o conceito de *habitus* e de *campo* de Bourdieu é o que vai explicar o conceito de trajetórias de vida e não diferentemente uma ligação com conceitos como de identidade. Explico mais detalhadamente a seguir.

Trajetória, em Bourdieu, tem relação com a série de posições que o mesmo indivíduo ocupa num campo. Tais posições o identifica em qual grupo social ele está localizado e por quais campos esses grupos perpassam. Nesses campos estão inseridos relações de subordinação e dominação, relações de poder, diferentes posições ocupadas tanto por agentes, quanto por grupos; conflitos e lutas; e marcas coletivas, o *habitus* que vai unir tais conjuntos de práticas e ideologias entre os agentes desses grupos.

> "O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis." (BOURDIEU, 1986, p. 190-191)

As trajetórias seriam, então, "O resultado construído de um sistema de traços pertinentes de uma biografia individual ou de um grupo de biografia" (Bourdieu apud Montagner, 2007)

Sendo assim, a construção de identidade desses sujeitos está acarretada com quais espaços, ou melhor, quais campos estiveram envolvidos. É preciso, compreender questões vivenciais e questões identitárias nesse processo de tornar-se policial. Pois

antes de se tornar policial, a pessoa tornar-se negra, como diz Neusa Santos Souza (1983): “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir-a-ser. Ser negro é tornar-se negro.” Ou seja, diante de uma sociedade que enuncia a valorização de brancos, ser-se negro não está naturalizado nos indivíduos negros, mas passa por um processo de construção de identidade e de inserção em espaços majoritariamente branco. Para entender, então, o tornar-se negro em espaços de discriminação, é preciso escutar desses policiais por quais experiências cotidianas passaram.

É nessa perspectiva que se quer trabalhar com trajetórias de vida da/os policiais negra/os no Distrito Federal e compreender as relações dentro do contexto de trabalho estabelecidas por eles. Entendendo que tal pesquisa terá contribuições no campo de socialização, relações raciais e trabalho policial.

Capítulo 2 – A Polícia Militar no DF: Identidade étnico-racial

"Deles diz-se muito. Fala-se tudo. Mas pouco se ouve[5]."

O capítulo que segue tem como objetivo localizar o campo já anunciado, resgatando a história da Polícia Militar do Distrito Federal e apresentando dados referentes ao perfil destes policiais, tanto sócio demográficos como também dados concernentes a situação racial dos envolvidos. Tal resgate será feito por meio da averiguação de quem eram esses policias e se esse perfil permanece na instituição. Em função disso, não se pode excluir o período em que o Brasil vivia e nem seus desdobramentos na constituição de uma polícia do Estado e da democracia que havia a se afirmar.

Em um segundo momento, levantaremos a discussão sobre identidade étnico-racial e identidade policial, tratando das ambivalências em que o trabalho policial confere a construção de identidade dos profissionais da Polícia Militar e do sujeito negro. Ou seja, a dualidade presente no processo de identificação com a instituição policial, que transmite saberes e fazeres na construção do policial enquanto profissional e o movimento de identificação na construção do "Ser Negro" (Souza, 1983).

2.1. História da Polícia Militar: um breve resgate

O que temos hoje como Polícia Militar no Brasil, passou por vários processos de restruturação e definição da instituição enquanto uma corporação estatal. A Polícia Militar no Brasil surgiu ainda no século XIX, por volta de 1808 na cidade do Rio de Janeiro com a chegada da Família Real. Nesse momento criou- se a Intendência Geral da Polícia da Corte e do Estado do Brasil espelhada em instituições já praticadas em Lisboa, com atribuições jurídicas e de serviços de administração da cidade, como por exemplo, iluminação urbana. Mas ainda sentia-se a necessidade de um trabalho nas ruas, de vigilância e segurança da Família Real. Em 1809, é fundada a Divisão Militar da Guarda Real de Polícia do Rio de Janeiro que tinha a guarda portuguesa como modelo de organização. Nesse primeiro momento a criação da Divisão Militar da Guarda Real de Polícia do Rio de Janeiro foi instituída, principalmente, para a

[5] SOARES, L.E; ROLIM, M.; RAMOS, Silvia. *O que pensam os profissionais da segurança pública, no Brasil.* 2009. Ministério da Justiça, SENASP.

segurança da nobreza que chegava ao Brasil e por causa do crescimento populacional do RJ. (Muniz, 2001; Bretas, 1998; Cotta, 2009; Bretas & Rosemberg, 2013)

Ao longo do tempo, a corporação policial experimentou diferentes intitulações e, em decorrência dos processos de transformação da sociedade brasileira, modificações de suas funções. Em 1822, o Brasil tem promulgada a sua Independência, dando início ao Império. Em 1831 a Guarda Real de Polícia do Rio de Janeiro, na época capital federal, é desagregada, dando espaço ao Corpo de Guardas Municipais Permanentes. Em 1866, cria-se a Guarda Urbana, força civil voltada para as atividades de ronda. Em 1889, o Corpo Militar da Corte passa a se chamar Brigada Policial da Capital Federal e em 1905 passa a se chamar Força Policial do Distrito Federal.

Nesse contexto de uma força policial instaurada no Rio de Janeiro, temos a construção daquela que seria a futura Capital Federal, Brasília. A primeira instituição com poder de polícia no DF foi a Companhia Urbanizadora da Nova Capital - NOVACAP, que ficava responsável por cuidar dos material, máquinas e edificações da cidade. (Silva, 2009)

Muitos migrantes chegavam a Brasília para trabalhar na construção da nova capital federal ou para morarem no território. Isso aumentou a preocupação das autoridades fazendo com que a os debates sobre a necessidade de controle dos indivíduos aumentasse. Em 1957, criou-se então pela NOVACAP a Divisão de Segurança Pública, onde os recrutados eram vigias que trabalhavam na NOVACAP. Por serem despreparados e analfabetos precisaram de auxílio para o serviço e foi nesse momento que os novos policiais passaram pelo treinamento da polícia do RJ.

Quaisquer assuntos ligados a polícia judiciária era deportado para as delegacias do estado de Goiás, pois o policiamento do DF era apenas ostensivo e não judiciário. Depois de algumas reformas, foi criado o Departamento Regional de Polícia de Brasília e a Guarda Especial de Brasília (GEB) pelo estado de Goiás, pois o DF ainda estava sob jurisdição do mesmo.

Em 1960 foi criado o Serviço de Polícia Metropolitana que agia paralelamente a GEB. A GEB era responsável pelo policiamento ostensivo e o Serviço de Polícia Metropolitana realizava atividades de polícia jurídica. Mas em 1961 a GEB foi extinta e no mesmo ano foi intitulada a PMDF. Mas essa polícia já vinha desde 1808, ou seja, a PMDF tem suas origens diretas na Polícia Militar do Rio de Janeiro ainda na vinda da Família Real ao Brasil. As várias estruturações dessa polícia tiveram início no Rio de Janeiro.

A criação de uma força militar estatal para manter ordem e segurança do estado, representava a saída de uma lógica de proteção individual, privada ou de grupos que agiam por meio de ações individualizadas para uma segurança de estado (SILVA, 2009). Gilvan Gomes da Silva, afirma:

> "A arbitrariedade policial e as interações conflituosas entre o policial, o cidadão – que, às vezes, tornava-se suspeito – e o marginal surgem nesse processo de luta e indefinição por uma instituição profissional estatal detentora do monopólio da atividade policial para exercer as ações coercitivas, marcada pela falta de códigos específicos para a atividade policial, em que, muita vezes, os interesses públicos eram confundidos com os interesses privados dos coronéis e lideranças locais." (2009, p.32)

O que é relevante nesse levantamento histórico sobre a Polícia Militar se desdobra em duas questões: as datas dos períodos acima localizados e o perfil (principalmente étnico-racial) da Polícia na época. O trabalho policial se manteve em conter aqueles considerados marginais[6], que não trabalhavam ou que não tinham moradia (SILVA, 2009). Quem eram esses policiais a fim de defender a elite da época e controlar a cidade?

Silva afirma que, os policiais de rua eram constantemente questionados e colocados em dúvida a cerca de suas atitudes, por julgarem conter elementos parecidos aos que carregavam os marginais nas ruas. Nas palavras do autor:

> "Entretanto, o corpo de agentes de segurança pública, como as praças policias, era composto por "elementos oriundos da marginalidade" (Bretas, 1995a:44). Tal origem dos agentes de "rua" era constantemente questionada pelas autoridades pela suspeição de suas atitudes, causando conflitos até mesmo entre os próprios policiais." (2009, p.33)

O processo de semelhança entre agentes de segurança pública e os marginalizados, surge nesse contexto, como uma primeira representação da dualidade entre o policial e o suspeito.

[6] Ainda no Império a vadiagem era ilícita e considerada até mesmo crime. No Código Criminal do Império de 1930 era ordenado com que esses "marginais" fossem presos quando identificados em situações de mendicância e/ou vadiagem.

Marcos Luiz Bretas (1998) resgata um pouco da história da polícia carioca no Império e tenta demostrar quem era os policiais da base hierárquica no século XIX, afim de compreender também os componentes do aparelho do Estado. Ao resgatar alguns relatórios sobre a força policial em que continham relatos de policiais e familiares ele destaca que,

> "É um universo de homens livres, oriundos das camadas livres e pobres da sociedade - com a exceção de algum possível escravo fugido buscando proteção e melhores condições de trabalho nas fileiras da força pública Não demonstram muita instrução, e suas histórias [...] falam de pequenas roças, famílias extensas e empregos muitas vezes ligados ao serviço do Estado, em condições que cabe perguntar se seriam muito melhores do que na polícia." (1998, p.04)

É preciso pontuar que ainda vivíamos num Brasil escravocrata e que aqueles escravos que eram libertos tinham pouquíssimas oportunidades de continuar uma vida fora do contexto de pobreza e escravidão. E por esse motivo alguns chegaram a atuar nas forças policiais como vigilantes de presos negros e à captura de escravos fugidos. Não muito distante dessa narrativa, voltamos a figura do Capitão do Mato, aquele "mulato" que estava a servir a elite e seus serviços na escravidão, mas que em questão de status e posição social ainda se equivalia àquela do negro. (Nascimento, 2014)

André Rosemberg (2010) em *"Retrato policial: um perfil da praça de polícia em São Paulo (1868- 1896)"* apresenta o perfil dos policiais praças de São Paulo de 1868 a 1896. Ele faz uso de dados biográficos para identificar "a formação do aparato policial paulista", formado por praças que se voluntariavam, além de trabalhar com a população que vivia num período de escravismo. Os dados biográficos - idade, local de nascimento, cor da pele, oficio anterior e etc. - foram retirados de documentações presentes no Arquivo do Estado de São Paulo (AESP). Apesar de todos esses dados serem importantes para traçarmos o perfil de tais policiais que se engajavam na polícia nesse período, vamos nos ater aos dados referentes ao recorte racial da pesquisa.

Antes, é preciso pontuar que os dados sobre cor/raça dos policiais no passado eram quase que inexistentes e quando se tinha não eram dados preenchidos pelos próprios policiais negros, mas a maioria era descrita por terceiros, pela instituição por meio de fichas. O que se pode inferir é que identificar o negro com qualquer outra variante de diminuição de cor, o torna como alguém mais aceito, o que não significa que ele realmente será. Não existia o processo de auto atribuição. Numa das entrevistas que

fiz, um dos policiais faz menção a um episódio que envolveu um outro colega, também policial, de não-reconhecimento da sua identidade negra nos formulários da polícia:

> "Aí o outro que é coronel ((nome do policial)) ele trabalhou a questão racial também na polícia [...] Ele se assustou, porque ele descobriu que era branco e ele tem mais melanina que eu. Aí na polícia ele estava cadastrado como branco, porque as pessoas não acreditavam que tinha oficial negro, então já cadastrando a identidade. Então, por exemplo, na minha identidade está pardo, a dele estava branco e ele é muito mais melanina que do que eu. Aí ele chegou 'Cara, eu descobri que sou branco'. " (Policial masculino, praça)

Esse relato aponta para duas questões a serem observadas na instituição policial: Primeiramente, o fato da polícia não ter considerado a auto identificação ou a auto atribuição, mas sim o reconhecimento por terceiros. Segundo que dentre praças e oficiais, o praça é o cargo onde tem entrado maior número de jovens negros, enquanto no cargo de oficiais a maioria são brancos. Os dados da SENASP de 2009 afirmam que 58,1% dos praças são negros e 36,9% são brancos, enquanto 51% dos oficiais são brancos e 47% negros. Os postos mais altos do oficialato da PM no Brasil ainda são ocupados majoritariamente por policiais brancos[7].

Rosemberg observa que entre esse período analisado, Império e República, houve o engajamento de um maior número de não-brancos brasileiros em relação a brancos na polícia. A relação entre brasileiros é de 57,2% de não brancos para 40,38% de brancos. Vejamos o quadro:

Quadro 1 – Distribuição da frequência de engajados brasileiros por cor da pele por período

Cor da pele	1868-1889	1890-1896
Brancos	44%	27%
Não-brancos	54%	72%

Fonte: ROSEMBERG, André. 2010, p. 107.

Depreende-se a partir desse quadro que o número de brancos vai rareando com o passar dos anos, especialmente com o fim do Império e início da República,

[7] Para visualização de dados e gráficos, consultar: Relatório "Pesquisa perfil das instituições de Segurança Pública 2013 (ano-base 2012)". Ministério da Justiça, SENASP, 2013,p. 62.

precisamente quando ocorre a ampliação de direitos no Brasil, com uma maior autonomia da população. Sinais que levaram ao aumento de não-brancos e a diminuição de brancos engajados na polícia. O que demonstra que, talvez, esses sujeitos não-brancos sejam indivíduos que podem ser mais descartáveis e mais vulneráveis numa linha de frente da polícia do que os sujeitos brancos que estarão usufruindo de plenos direitos sem necessariamente ter que se colocar em posições de risco. Ou seja, o que ocorre é uma diminuição no engajamento dos brancos na polícia e um maior engajamentos dos não- brancos.

O texto aponta ainda para outro quadro que dimensiona as categorias criadas pela polícia para identificar quem eram esses não-brancos que estavam entrando na polícia de São Paulo em grande número. Vejamos:

Quadro 2 – Distribuição de frequência de engajamentos de não-brancos por designação de cor de pele

Cor da pele	Engajamentos	Porcentagem
Moreno	1052	42,86%
Pardo	845	34,43%
Preto	386	15,72%
Fula	83	3,39%
Caboclo	61	2,49%
Outros	27	1,11%
Total	**2454**	**100%**

Fonte: Rosemberg, André. (2010, p. 107)

O interessante nesse gráfico é que além de mostrar categorias utilizadas para classificar raça/cor, temos categorias mais amplas criadas pela própria polícia para utilizar nos dados. Isso funciona tanto como uma forma de ter registro étnico-racial sobre uma história de trabalho, de vivências e de acesso a direitos quanto também torna-se uma forma de diluir a categoria negro. Ou seja, transforma-se numa das várias formas que o Brasil inventou de fazer com que as pessoas não se reconheçam dentro de um grupo racial unificado, dentro de um grupo negro. Ao invés disso elas se reconhecem dentro de várias categorias que na verdade são categorias de desunião e que cada um representa uma coisa, especialmente o “moreno”, porque a categoria “moreno” é aquela categoria suavizante na identificação social ou na auto identificação. Os dados ainda

demonstram, com todas as variantes descritas que, o número de negros na polícia não está sendo representado em sua totalidade, podem estar sendo sub-representados.

A categoria "moreno" leva ainda a uma diferenciação de um estado de liberdade em relação a de escravo, porque como dito se categorizar como "moreno" nesse período – e ainda hoje - é dizer não estar preso a carga histórica de outras categorias, como pardo, preto, etc.

> "O designativo moreno, por exemplo, era uma marca que substituía, na identificação do lugar social, os qualificativos pardo, preto e branco, cujos sentidos originais – de diferenciação de uma situação de liberdade em relação à de escravo – perdiam força à medida que a escravidão se definhava, e eram substituídos por uma nova representação – a „morenice" – que distinguia toda uma nova categoria social: os brasileiros livres pobres." (ROSEMBERG, 2010, p.108)

Um processo de branqueamento de uma população estava claramente à vista, ao exemplo das teorias e ações políticas eugenistas que indicavam um futuro sem a presença do negro no Brasil. Essas categorias não falavam apenas de cor, mas falavam de uma nacionalidade, ou seja, na nação pensada naquele contexto não havia espaço para o negro. Com o processo de imigração no Brasil, havia concorrência entre os próprios ex-escravizados e aqueles que chegavam ao Brasil, sendo essa mais uma faceta da política de branqueamento da sociedade que privilegiou o trabalhador imigrande advindo de países europeus como Itália e Alemanha. Para tanto, o número de pretos engajados também aumentava na polícia (Rosemberg, 2010). Rosemberg traz que entre os dois períodos, o número de pretos e pardos aumentam na polícia, especialmente o número de pretos. O autor afirma:

> "Essa escalada pode representar que o designativo preto, muitas vezes associado à condição de cativo; com o fim da escravidão, tenha perdido a "marca da vergonha". Por isso, talvez os administradores da polícia não se refreassem em designar de "preto" os novos recrutas, uma vez que no regime anterior era interdito aos escravos assentarem praça, ainda que esse tenha sido um evento até certo ponto corriqueiro (ROSEMBERG, 2010); também pode significar que a polícia no compasso da expansão do contingente de policiais tenha se rendido aos ex-escravos e libertos que se despegavam da tutela escravocrata e buscavam outros patrões num momento de concorrência desleal. Preteridos pelo braço estrangeiro na competição pelos postos de trabalho mais estáveis, encontravam na polícia uma porta aberta." (2010, p. 109)

A partir dos dados apresentados nesta seção, podemos observar que, o perfil dos policiais militares no Brasil, ao longo da história tinha, em grande medida a presença de negros em seus quadros. A posição desses polícias nas estruturas da corporação, de modo geral, em situação em que são subordinados, os colocavam em uma prática que "capitães do mato" e, depois, como os praças.

2.2 A PM hoje: Perfil sócio demográfico e racial da polícia

Assim, após a apresentação dos dados sobre o perfil da Polícia Militar no Brasil, podemos observar a importância dessa descrição para a compreensão da Corporação nos dias atuais. De maneira nenhuma queremos fugir do nosso foco que é indicar quem são os policiais negros do DF e de onde eles vêm; porém, o movimento de apresentação do perfil do policial militar mostra-se importante para o argumento aqui proposto. Acreditamos que é significativo afunilar cada vez mais esse histórico até chegar a PMDF para que possamos ver numericamente se tal perfil mudou, se mudou drasticamente ou se permanece constante. Desse modo, anunciaremos daqui para frente o perfil da Polícia Militar mais recentemente e em seguida os nossos participantes da pesquisa.

De muito tempo a relação entre a polícia e a população, principalmente de baixa renda, são estreitas. A polícia foi treinada por muito tempo para vigiar e buscar em locais, como as regiões periféricas, suspeitos de cometer algum crime (Barreira & Adorno, 2010)

Dentro da última década, com todas as mudanças ocorridas no Brasil, a Segurança Pública passou por diversas mudanças incluindo a instituição policial militar. Como por exemplo a forma de entrada na Polícia Militar, o processo que anteriormente acontecia de maneira voluntária, hoje é por meio de concurso público. Em outras situações houve forte debate para exigir Ensino Superior dos concorrentes, de forma que algumas instituições já adotaram tal exigência, como é o caso da Polícia Militar do Distrito Federal. Ou seja, para além da composição étnico-racial na PM, outras informações foram dando forma a corporação em termos de alfabetização.

A Secretaria de Segurança Pública desde 2004 tem feito estudos que nos mostram informações e dados sobre o perfil da Segurança Pública no Brasil, sobre as Policias Civis, Policias Militares e Corpo de Bombeiros. Dentre os dados recolhidos

temos o efetivo na ativa de policiais militares por cor/raça em dois períodos, o ano de 2004 e o ano de 2012.

Quadro 3 - Efetivo das Policias Militares por raça (Brasil, 2004)

Cor / Raça	Total do Efetivo por Raça	
	N.Abs	(%)
Branco	55549	52,7
Preto	13011	12,3
Pardo	33422	31,7
Amarelo e Índio	3398	3,2
Total	**105380**	**100,0**

Fonte: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública, 2004.

Quadro 4 – Cor/raça agregadas (categoria cor/raça "negra" é a soma de "preta" e "parda")

	Praças PM	Oficiais PM	Agentes PC	Delegados PC	Bomb.	GM	Sist Penit	Brasil[16]
Branca	39,6%	51,0%	48,7%	70,1%	39,5%	39,0%	53,0%	49,5%
Negra	58,1%	47,0%	48,9%	28,0%	58,3%	58,2%	43,9%	49,7%
Outras	2,3%	2,1%	2,4%	1,9%	2,2%	2,7%	3,0%	0,8%

Fonte: Ministério da Justiça, PNUD, 2014.

Numa pesquisa sobre perfil das instituições de segurança pública no Brasil realizada em 2012 pela SENASP, esse número não mudou muito. Numa amostra de 54% de policiais do país, 43% são pardos e 6% pretos, totalizando 49% de policiais negros nas instituições.

No caso do Distrito Federal, quase não há pesquisas que tratam, especificamente, sobre policiais negros. No quadro abaixo, podemos ter mais ou menos a noção do perfil étnico-racial da PMDF, apesar de não fazer menção separadamente de pardos, pretos, amarelos ou indígenas, pelos dados acimas podemos perceber que, nacionalmente falando, a polícia também é negra.

Quadro 5 – Mapeamento Étnico-Racial da PMDF[8].

[8] Quadro retirado da pesquisa: "*A linha tênue entre os vigias e os vigiados: as práticas policiais de pm's negros com a comunidade negra do Distrito Federal*". Aline Maia Nascimento, 2014. Universidade de Brasília.

Raça	Quantidade	Porcentagem
Não-brancos	791	66,9%
Brancos	331	28,0%
Outros	35	3,0%
Não declarados	24	2,1%
Total da Amostra	1181	100%

Fonte: Nascimento, Aline Maia.

Os quadros acima nos mostram a presença em grande porcentagem de policiais negros nas instituições no Brasil. Mesmo sendo taxada e revelada, pelo movimento negro e defesa dos direitos humanos (Barros, 2006; Oliveira Junior & Lima, 2013; Flauzina, 2006), como uma instituição racista, isso parece não interferir na quantidade de policiais negros adentrando batalhões e corporações militares. Esses dados demonstram que por muito tempo a profissão policial tem sido atraente para negras e negros. O relatório da SENASP diz que:

> "Esses resultados confirmam estudos anteriores, que apontam as polícias militares e as profissões "de farda" como especialmente atraentes para jovens negros e como carreiras onde segmentos oriundos dos estratos pobres e negros encontram melhores possibilidades de ascensão, podendo ocupar cargos de chefia.[9]"

Apesar de todos esses dados apontarem para o número de policiais negros na PM do Brasil e do DF, eles não nos falam o porquê desses policiais estarem na polícia e o que os levaram a ter a PM como profissão.

> Entrevistadora: Por que você escolheu essa profissão?
>
> "[...] para a gente da periferia, até então né, porque hoje já tem outro perfil, o único lugar que você tinha de conseguir um emprego público com possibilidade de entrar é na polícia e no bombeiro. [...] Então o espaço que a gente tinha... Então muitos que você vai entrevistar pelo menos... não tinha aquele sonho de ser polícia, tinha sonho de ter um espaço que você tem estabilidade [...] mas principalmente de você conseguir um emprego. E naquela época que entrei em 99, mas o concurso começou em 97, 98, vamos dizer que eram três salários mínimos mais ou menos, quatro salários mínimos

[9] SOARES, L.E; ROLIM, M.; RAMOS, Silvia. *O que pensam os profissionais da segurança pública, no Brasil.* 2009. Ministério da Justiça, SENASP.

mais ou menos o salário do policial, então era a chance que nós tínhamos de ter algo, né." (Policial masculino, praça, morador de Brazlândia)

É preciso pontuar que a entrada dos policiais entrevistados na PMDF está situada temporalmente em os anos de 1988 a início dos anos 2000, quando o salário mínimo no Brasil era baixo e o concurso da polícia militar era uma das poucas carreiras no serviço público que não exigia o Ensino Superior.

Um segundo entrevistado diz:

"É. Na verdade eu fiz para PM, fiz Bombeiro e fiz Correios, mas a PM me chamou primeiro. Aí meu irmão falou "ué, mas é o mesmo salário, você já ficou duas semanas na PM e agora você vai para o Bombeiro ralar mais duas semanas sendo que é o mesmo salário? Eu disse "é, vou ficar na PM mesmo". Aí continuei, mas eu gosto da profissão. " (Policial masculino, praça, morador de Sobradinho I)

Um terceiro entrevistado:

"Por necessidade mesmo, foi o primeiro concurso que eu prestei, passei, por necessidade, para poder ter independência financeira, para ajudar minha família, e foi por necessidade mesmo. Agradeço a Deus pelo emprego que tenho. Estou super satisfeito, pretendo terminar meu tempo e estou satisfeito. Não foi por ideologia, não foi por gostar, foi por necessidade mesmo. Opção de emprego. " (Policial masculino, praça, morador de Formosa - GO)

Uma quarta entrevistada:

"[...] aí eu segui a carreira da Polícia Militar mais como uma oportunidade a época, que a época era juntamente com o vestibular da UnB. [...] A época, como eu estava saindo do segundo grau e eu estava no Colégio Militar, a gente só visava carreira militar, tanto eu tentei o exército, que não tinha a época para mulher, a gente ficou aguardando para ver se abria para mulher. Tentei aeronáutica na época oficial da aeronáutica, não passei. Aí eu fui tentando as carreiras militares e passei na Polícia Militar [...]. Na época eu nem pensei em salário, eu nem vi salário, quando eu fiz o concurso eu queria era trabalhar. Sair do segundo grau e trabalhar. " (Policial feminina, oficial, moradora do Cruzeiro Novo)

Um quinto entrevistado:

"Na verdade, eu entrei na aeronáutica por conta do salário mesmo. Porque naquele momento era a única coisa que tinha. [...]. Aí teve outros concursos e eu não passei em nenhum e aí passei no de soldado da polícia e quando eu

> entrei na polícia eu queria sair dela, esse era meu objetivo. [...] e eu tentei vários outros concursos antes de sair o CFO e não passei em nenhum deles e passei no CFO de novo e tal. [...] Eu entrei na aeronáutica, porque eu precisava estudar, me sustentar para estudar na aeronáutica. ” (Policial masculino, oficial, morador Ceilândia)
>
> Um sexto entrevistado:
>
> “Eu lembro que quando eu entrei no concurso da polícia eu era sargento da aeronáutica, eu tinha passado para sargento da aeronáutica. Só que eu optei vir para a polícia. Na época o sargento da aeronáutica ganhava 500 reais e o soldado da polícia ganhava 900, lógico que a questão financeira pesou. Daí, quando eu falei lá em casa “eu vou para a polícia”, todo mundo “não, não, não, não”. Mas assim, quando eu vim para a polícia mudou a situação financeira da minha família, eu tive condições de bancar meus irmãos para estudar, essas coisas, meus irmãos todos formaram na UnB também, todo mundo é concursado. Então, gratidão pela polícia pelo que ela me proporcionou, mas nada de amor ao serviço, a farda, não é o que eu sonho fazer e nem o que eu queria fazer. ” (Policial masculino, praça, morador de Samambaia)

As respostas a pergunta acima apontam, trabalhar na Polícia Militar surge como uma alternativa, dentre poucas existentes, de ascensão social e de estabilidade financeira, sendo esses elementos determinantes para esses policiais negros. Essas falas esclarecem o por que da PM ser atrativa a muitos negros.

A maioria dos nossos entrevistados não tinham a polícia militar como a primeira opção de concurso, percebemos que as tentativas para a entrada na aeronáutica e nos bombeiros se sobressaíram antes do concurso da PM. E nesse sentido a profissão policial se tornou quase que uma válvula de escape para esses policiais, que sem surpresa, tem sua maioria advindas das periferias do país. Como um dos entrevistados diria, a polícia não era um sonho, mas era uma condição necessária para obtenção de um emprego ou uma carreira mais sólida.

2.3 – “Ser Negro” na PM: percepções sobre cor e identidade

> *“Não, eu sou moreno claro, não tenho preconceito. Acho que o preconceito quem faz é a própria pessoa, essa discriminação de cor, de raça, de credo [...]. Então… eu acho o preconceito a pessoa mesmo que cria, eu acredito que não há preconceito não. ” (policial masculino, praça)*

No subtítulo deste capítulo utilizamos de uma expressão da Neusa Santos Souza (1983), em que ela afirma que “ser negro, é tornar-se negro”. Pois tratando-se de uma sociedade com valores brancos, em que brancos assumem locais de grande status, o indivíduo negro nega seu histórico-existencial para assumir ou para espelhar-se no branco. Ser negro em “*Torna-se negro ou As vicissitudes da identidade do Negro Brasileiro em Ascenção Social*” por ser um tornar-se é um processo por meio do qual você adquire discursos sobre si e esses discursos podem ser tanto alienantes, quanto de autonegação, como um discurso de autoafirmação. Pois a figura do branco, a ideia de embranquecimento ou de que o negro está condicionado a ser submisso, a ser pobre ou que tem uma estética desfavorecida e sujo; acaba incorporando o discurso de pessoas negras. Não é somente uma questão de ver uma cor negra, mas ter a capacidade de associar essa cor a esses discursos e ideias. Quando a autora se refere ao branco, ela não está falando apenas do indivíduo de cor branca, mas ela está se referindo a poder, status, a elite, ao perfil menos massacrado da sociedade. Assumir uma identidade negra além da auto declaração ou auto afirmação, envolve também emoções, a subjetividade desses sujeitos, a sua trajetória e tudo que eles carregam.

Stuart Hall (2006) em *“A identidade cultural na pós-modernidade”* traz a reflexão sobre identidade. O autor apresenta o conceito de identidade enquanto algo móvel, não-afixado e muito menos isolado. A identidade é construída no decorrer da história, não é algo já estabelecido desde o momento de nascimento, mas passa por diversas modificações a depender do momento, pois é algo em construção.

> “É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em

> seu significado tradicional - isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna.” (HALL, 2000, p.109).

Considerando os objetivos dessa pesquisa, todo o processo de autoafirmação desses policiais é essencial para entender quem são esses policiais e o que eles carregam consigo. Para tanto, perguntamos aos mesmos como eles se identificavam, para assim entendermos esse processo de identidade étnico-racial.

> Entrevistadora: No quesito cor e raça, como você se identifica?
>
> "Então sou negro, de amigos negros e brancos, mas mais negros na minha adolescência" (Policial masculino, praça)
>
> "Não, eu sou moreno claro, não tenho preconceito. Acho que o preconceito quem faz é a própria pessoa, essa discriminação de cor, de raça, de credo [*inaudível*]. Então… eu acho o preconceito a pessoa mesmo que cria, eu acredito que não há preconceito não". (Policial masculino, praça)
>
> "Negra. Tanto que minha identidade está negra. Apesar das pessoas insistirem em colocar parda" (Policial feminina, oficial)
>
> "Sou negro. Não tem como fugir disso." (Policial masculino, praça)

A respeito da pergunta acima, uma das mais importantes para a continuação das entrevistas nessa pesquisa, todos os entrevistados se entendiam enquanto não-brancos, e quando não utilizaram termos como negro, pardo, preto, chegavam próximos a eles, como foi o caso da expressão “eu sou moreno claro”. O que nos indica que enquanto branco ele não se identificava. Apesar das controvérsias e de todo o debate político do movimento negro e da comunidade acadêmica, essa expressão ainda nos diz muito sobre a não identificação com o branco, apesar dela lembrar a ideologia do embranquecimento no Brasil. O mesmo policial identificou toda a sua família utilizando- se da mesma expressão:

> Entrevistadora: Voltando um pouco a sua família, seus pais como você os identifica?
>
> “Meu pai é moreno escuro e minha mãe é morena clara. ” (Policial masculino, praça)

Enquanto o discurso da *morenidade* se fez presente em uma das respostas, nos outros casos é possível identificar a autoafirmação presente, num discurso inclusive de que "não tem como fugir disso", como uma forma de afirmar que o reconhecimento dessa negritude também é social e está diretamente ligado a como esse corpo é percebido e que mesmo que quisesse não há como fugir de uma condição de ser negro.

Chegamos a interroga-los acerca da relação entre policiais brancos e negros na instituição. O enfoque era tentar compreender como a questão racial perpassam as relações desenvolvidas no ambiente de trabalho, dessa vez, diferentemente de alguns trabalhos nas Ciências Sociais que estão a fim de entender o imaginário dos policiais a respeito dos cidadãos suspeitos, estávamos interessados em entender as relações entre policiais. Colocamos como pergunta da pesquisa:

> Entrevistadora: Dentro da instituição policial, você já passou por situações de discriminação racial? (Ou já viu acontecer com colegas?)
>
> "Olha, direto, racismo direto eu nunca tive essa sensação, mas é aquela coisa de você ser discriminada indiretamente. Por exemplo, você está em uma roda de amigos e cita um nome de uma pessoa negra, porque você está perto fala que a pessoa é morena, moreninha. Aí eu geralmente eu falo: "não você não está falando da pessoa certa, a pessoa que você está falando é uma pessoa negra, não é morena". Ou existe o branco ou existe o negro, então essa forma de as pessoas acharem que vão te ofender, falando que o outro é branco ou é preto também ofende, porque você está sendo desfalcada ali no meio, sem a menor importância. Aconteceu isso esses dias, ontem. Aconteceu isso. A gente estava conversando "Ah, sabe o fulano de tal, aquele moreno?". Aí um outro: "Não, ele não é moreno, ele é negro, você está falando dele? Porque se for dele, ele é negro". Mas é porque eu estava no meio. Então é uma sensação ruim." (Policial feminina, oficial)

O discurso da *morenidade* é colocado como uma forma de não reconhecimento, diferentemente do policial que se auto afirmou enquanto moreno. A policial entende como um deslocamento de onde ela realmente se reconhece. A tentativa de amenizar a categoria "negro" que por muito tempo foi tratada como negativa, na verdade expressa a negação de um lugar, o lugar enquanto negra.

> "Eu sendo policial já? Não. Nunca senti, porque a nossa polícia ela é formada, a grande maioria por praças, então a maioria dos praças são descendentes da periferia e são descendentes dos negros. Então a gente tem

> uma parcela considerável de policiais negros, entendeu?" (Policial masculino, oficial)

Nesse caso, um dos entrevistados justifica a inexistência de racismo na instituição pelo fato da mesma ser composta em sua maioria por negros, mas observe que o lugar onde estão os policiais a qual ele faz referência é justamente na base da polícia militar, os praças.

> "Então tinha um amigo que é o [...] Ele já estava na CPRV quando eu cheguei, e quando eu fui para Samambaia ele foi pra CPRV, então quando eu cheguei ele já tinha uns três anos e as pessoas chamavam ele de [*nome do amigo*] de Ogum. E aí eu ficava, mas "e aí [*nome do amigo]*, como que é a história? ". "Ah não, para evitar as brigas né, não sei o que, não sei o que". Eu falei: "Não, mas o Ogum que eles estão fazendo é para tentar, não é nem tentar te relacionar… é para tentar de uma forma pejorativa tanto com Ogum, quanto com você". Aí ele: "É mas eu sei…". Aí eu começava ir para o enfrentamento, né. Falar "ó, isso aí do jeito que vocês estão fazendo é racismo e…" Até colocava a algema assim em cima da mesa e dizia "isso é crime". " (Policial masculino, praça)

> "Na polícia não. Vou tocar no que você quer. Pelo fato de eu ser negro, eu nunca senti discriminação. Porque na polícia militar eu posso afirmar com certeza aquilo que você é não como pessoa, mas como militar." (Policial masculino, praça)

As respostas são bem divergentes e dentro de cada uma delas identificamos algumas particularidades. Um dos entrevistados acima diz até já ter visto o racismo em piadas internas dentro do batalhão, piadas que faziam referência a manifestações afro-brasileiras, porém de maneira pejorativa, pelo fato do amigo ser de pele mais escura. Na segunda resposta, aparece o discurso hierárquico em que justifica a ausência de racismo, pois de acordo com um deles, na PM o fato de ser negro não influencia na maneira em que você será tratado, mas sim o cargo em que ocupa. O fato é que, apenas dois policiais entre os seis entrevistados identificam racismo nas relações entre policiais de forma direta ou indireta, enquanto os outros justificam os discursos por meios institucionais ou na forma em que a PM é construída.

Nas entrevistas foi possível observar que a construção de identidade também esteve muito ligada a questão da cidade a qual vieram ou a qual residem esses policiais.

A cidade enquanto gerador de vivências e experiências envolvidas num conjunto do que constituiu essas pessoas hoje. Alguns fizeram menção a cidade em que viviam com expressões como: “enquanto periférico”, “o policial da periferia”, “minha cara de periférico”, “eu moro na periferia”, ou “a gente da periferia[10]”. Essas expressões estavam vinculadas ao processo de identificação e construção de identidade, uma identidade periférica que carrega aprendizados e lutas.

> Entrevistadora: Você pode me falar um pouco da sua vivência com a sua cidade?
>
> “A Ceilândia na verdade ela sempre foi considerada uma das cidades mais violentas do DF. Isso é fato. Até hoje ela está no ranking das cidades mais violentas. Porém quem nasce na periferia acho que desde pequeno você aprende a se virar numa cidade violenta. Então você aprende como você deve ir, o horário que você deve ir, as pessoas que você deve ter como amigo, as escolhas que você deve fazer, é aparente que tudo isso vai influenciar na sua vida. Então, ((inaudível)) por morar na Ceilândia nunca senti que eu era diferente de alguém por conta disso ou para pior ou para melhor. É claro, me precavia mais do que alguns colegas que moram talvez em outros lugares ((inaudível)). Mas, como sabia dessa violência que a gente tem e inclusive que é uma violência endêmica, não está mais foco na Ceilândia, acho que ter nascido aqui na Ceilândia tem uma vantagem, porque aprendi a me virar e a me defender das coisas da vida.” (Policial masculino, oficial)

A partir das narrativas, podemos perceber a construção de identidade desses policiais e os caminhos que percorreram. Do se auto afirmar até perceber o papel da periferia na construção de quem eles são faz parte desse processo. Sobre as divergências com relação a forma em que essa identidade é construída nas narrativas, Souza diz:

> “É que, no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra.” (1983, p. 77)

Apesar de poucos identificarem racismo nas relações entre colegas na instituição policial, a maioria passou por situações de racismo na vida antes de entrar na polícia e

[10] Em algumas ocasiões, como a que eu perguntei sobre abordagem policial e a forma em que a policia abordavam os suspeitos, alguns policiais chegaram a perguntar de qual região administrativa eu era. Respondi. Em alguns casos, acredito que por um processo de identificação, eles passaram a fazer menção a minha pessoa, como nas expressões “a gente da periferia” ou “como nós dois somos negros e moradores da periferia”.

depois de ter entrado. Pelos relatos imagina-se uma linha em que divide os dois campos o “estar fardado” ou “estar policial” do “fulano de tal” - no próximo tópico trataremos sobre o “estar policial” e os desdobramentos da cultura policial.

> Entrevistadora: Você já passou por alguma situação de discriminação racial? (e com a farda?)
>
> “É de combate diário, isso aqui (cor da pele) é toda hora a gente sofre. Então toda hora somos confundidos com servidores daqui. E eu faço questão de andar do mesmo jeito, da mesma forma, então na UnB, nas lojas. Então as vezes as pessoas “ó, pega isso aqui pra mim” eu vou lá e pego. “Ah, você não trabalha aqui” “não, não trabalho não, quer que eu pegue outra coisa? ” Então toda hora acontece isso, enquanto policial também, porque as pessoas hoje surpreende da polícia “ó lá, tem doutorado, é sociólogo” mas mesmo assim é taxado de maconheiro, mas a ideia do doutor e tudo choca. Então, toda hora. [...] Mas os espaços, às vezes o poder de fala e o local que a gente está, te dá a mesma possibilidade de você ser discriminado diretamente. Então as discriminações que eu sofria na periferia, só de ser policial o cidadão já não tinha mais esse tipo de atitude, por eu ser policial, e não por deixar de ser racista, por eu ser policial eu tenho poder de prendê-lo agora.” (Policial masculino, praça)
>
> “Já. Eu não sei as vezes também eu tento não colocar isso na minha cabeça, sabe? Não me auto discriminar. Mas se, por exemplo, não estou ultra mega bem vestida, normal e já fui em lojas com minha filha eu era tratada como seu eu fosse entrar para pedir.
>
> Entrevistadora: Isso sem farda?
>
> Sem farda. Agora fardada nunca ninguém se atreveu a olhar diferente para mim não. Agora sem farda já, várias vezes. [...] Na infância nós tínhamos um grupinho que dançavam na quadra e geralmente eram separadas as crianças por cor. As crianças negras só dançavam com crianças negras e as crianças brancas só com brancas, quando tinham pares e na escola também aconteceu isso.” (Policial feminina, oficial)
>
> “Várias situações. A gente percebe isso, isso é muito claro, né. Já aconteceu comigo muitas vezes, um dos grandes… Hoje em dia, eu percebo isso sabe aonde? No comércio. Quando eu vou numa loja, eu costumo andar assim né ((aponta para a roupa)) de chinelo, de bermuda e de camiseta, porque eu moro aqui, estou perto de casa, não tenho porque me vestir muito bem, eu ando assim na rua. E as vezes eu entro em determinados locais e é muito perceptível isso, eu não estou te falando que é por conta da cor da minha pele

> não, eu acho que não é só a cor da pele, eu acho que é todo um contexto, é pelo fato de eu parecer suburbano, parecer que não tenho dinheiro. Volto a dizer: não penso assim "ah, é porque sou negro". Não. Talvez não, mas é porque eu pareço uma pessoa que não tem dinheiro." (Policial masculino, oficial)

> "Ela (sociedade) olha a cor, mas assim, eu me sinto protegido de receber uma discriminação direta, objetiva, velada não. Velada não tem como, a pessoa não vai estar passível de nada, né. Agora, uma discriminação direta, se a pessoa se dirigir a mim de uma forma discriminatória eu vou prendê-la e sem menor pudor, mas se é velado não tem como eu saber.[...] Eu tenho trauma que a minha professora da quarta série e também a professora do sexto ano. A do sexto ano ela é mais… Ela disse "ah, eu vou reprovar esse menino, ele é negro, eu não gosto de negro". Então assim, essa professora da sexta série retomando o discurso ela disse: "Não, tem muito negro nessa sala, não dá pra todo mundo passar". E ela disse em alto e bom som: "Vou reprovar, vou reprovar, porque né e tal, tal", e reprovou realmente. Eu reprovei… eu sou formado em Português e reprovei em Português na minha sexta série [...] E também quando eu era criança a professora da quarta série alegou que eu tinha roubado. Um dia o filho dela foi na escola e o filho dela levou uns brinquedinhos, esses brinquedos do filho dela sumiu na sala de aula que ela levou e quem roubou? Quem furtou o brinquedo do filho dela, o único negro que era eu. Mas assim, são coisas que marcam, mas que nós como negros não podemos deixar abalar, temos que ser melhor bola para frente. (Policial masculino, praça)

Por meio do exame das narrativas dos policiais, observamos formas de racismo que vão daquele racismo velado até o racismo mais direto e explícito. Dos momentos que giram em torno da infância até depois de estarem na polícia. Mas um ponto em que não podemos deixar passar é que enquanto policiais eles afirmam que se situações como essas acontecessem, imediatamente utilizariam do poder em que o Estado lhes concedeu, por exemplo, por meio do procedimento de dar voz de prisão por racismo ou utilizam desse mecanismo para inibir a discriminação racial. Todavia note que, enquanto policiais que não estão fardados ou que estão fora do trabalho, eles estão sujeitos as várias formas de expressão do preconceito racial, porém quando fardados ninguém se atreve a seguir com tais discursos ou ações discriminatórias. Ou seja, a depender da situação social a qual estão localizados, vão estar sujeitos a diferentes formas de tratamento e de enfrentamento do racismo.

Fardado eles são autoridades do Estado, que possuem status sobre quem lhes dirige a palavra ou ações. Enquanto "fulano de tal" andando na rua pode ser confundido com bandido ou com qualquer outro adjetivo negativo que destinam a pessoas negras independente de quem são ou do contexto em que estão inseridas. Nesse sentido o "estar policial" ou o "estar fardado" se torna uma forma até mesmo de desviar manifestações racistas contra esses policiais. O que não quer dizer que eles não continuem sendo alvos de discriminação racial. Não é à toa que já vimos relatos acima sobre o racismo velado na instituição policial.

2.4 – *"Eu não sou policial, eu estou policial. Tem essa diferença":* a profissão e a cultura policial

Como pontuado em alguns momentos anteriores, o policial militar negro está inserido socialmente em duas posições sociais que para pessoas negras são bem marcadas: o lugar da profissão policial, e o lugar do negro. Esses dois lugares estão concomitantemente juntos na vida de um Policial Militar negro.

Em alguns momentos das entrevistas nossos respondentes diferenciaram em suas falas esses dois lugares e deram ênfase de que essa separação era importante para que suas relações com familiares e/ou amigos fossem mantidas.

Além disso, "estar policial", ou seja, fazer parte hoje da profissão policial trouxe várias formas de saber agir ou do "saber-ato", como bem dito por Jacqueline Muniz (1999), diante de situações de trabalho, como no caso da abordagem policial com jovens negros. E é nesse ponto em que queremos nos debruçar. Como o "estou policial" age no imaginário e na vida cotidiana desses policiais. Para isso vamos dividir as narrativas em duas partes, para assim refletirmos a partir delas.

2.4.1 – "*Estar-policial*": a profissão na vida pessoal

> "[...] Porque a gente como é uma cultura policial ser policial e isso impregna na pele, pelo processo de identificação as outras pessoas te tratarem como policial e você acaba assim sendo policial mesmo se você não queira, né. [...] vamos dizer, que o indivíduo policial entra para a polícia, incorpora lógico alguns valores, mas ele queira continuar ainda pertencendo ao grupo que estava antes. Se esse grupo (inaudível) não desconstrói essa imagem de

polícia e vê como policial, isso acaba separando também. Então não é só um muro que é colocado, são dois muros e aí se tiver esses dois muros, o policial da periferia que entra na polícia acaba se distanciando do grupo que estava, então a polícia cria um muro e a sociedade cria outro muro. E aí a partir do momento que só um desses abaixam o muro continua, então essa é a questão do processo de identificação ou então no caso lá eu tentei, os amigos tentaram, continuamos. Mas há casos de polícia, mesmo as vezes a pessoa se colocando, mas galera fala "Ih, agora ele é PM, agora ele é PM" então não convida mais para os mesmos espaços e tudo mais. [...] Tanto é que, vamos dizer, se afastou eram aquelas pessoas que de certa forma dentro da periferia eram os mais classe média baixa. "Ah não, agora o ((nome do policial)) é polícia e tal." Que também frequentava a UnB, mas eram os brancos, era os que nunca passaram fome, que nunca passaram umas coisas, que tem opção de escolha "Não, não quero ser polícia, não quero isso, não quero aquilo." Porque na periferia em determinado espaço você não tem escolha, você sabe. Então ter escolha é um instrumento fantástico para você não se submeter a determinadas coisas.[...] Então eu preferi primeiro mostrar o ((nome do policial)), pra depois os acessórios ((inaudível)) que tem no ((nome do policial)). E algumas pessoas, muitos conheceram o ((nome do policial)) e concordando ou não concordando conversaram com o ((nome do policial)). Porque como eu falei para você, se seu te mostrasse o PM não teria nenhuma possibilidade de conhecer o ((nome do policial)), isso era o que eu imaginava assim." (Policial masculino, praça)

"Tem o que vê você fardado e "nossa, como você fica diferente fardado, fica sério, fica num sei o que". Já tem outros que "nossa, você sem farda é outra coisa". (Policial Masculino, praça)

" Houve uma quebra realmente na minha vida quando eu entrei para a polícia, com certeza. Com relação as amizades então, muito também. Então, por exemplo, eu sempre gostei muito de jogar futebol e hoje em dia eu jogo futebol do Batalhão, não jogo mais futebol com todo mundo. Eu até, inclusive, nisso aí eu fui um dos mais resistentes, porque os meus colegas a grande maioria quando entraram já se isolaram de vez. Eu não, eu fiquei resistindo durante um tempo, mas eu percebi nitidamente que eu era um patinho feio em alguns lugares [...] (Policial masculino, oficial)

"Como eu sempre digo, ou dizia eu não sou policial, eu estou policial, tem essa diferença. [...] Então eu não visto a farda 24 horas. Quando eu estou fardado eu sou policial, quando eu tiro a farda eu sou um cidadão no papel de

> pai, de filho, de irmão de alguma coisa menos policial." (Policial masculino, praça)

Sem dúvidas o entrar na PM geraram e geram várias mudanças na vida desses policiais. Entre essas mudanças está a forma em que as pessoas lidam com a nova aproximação de um servidor do Estados com poderes de coerção até eles.

Ao perguntarmos sobre a reação das pessoas a nova profissão dos nossos policiais, foram várias as respostas. Estar fardado de certa maneira afastaram alguns e para manter relações, muitos dos nossos entrevistados tiveram de separar a profissão de quem eles realmente são. A polícia não é tão bem vista quanto outras profissões por todos os mecanismos de coerção e de ação que eles mostram a população. Nas periferias eles agem "de maneira mais energética" com a justificativa de combate ao crime (ou diria aos criminosos). E quando esses policiais negros, aparecem diante de seus amigos negros ou diante da sua comunidade negra, a recepção da profissão não acontece de forma positiva e o "estar policial" se torna importante para manutenção dessas relações. Nesse contexto a farda se torna um símbolo da profissão policial e da separação entre o policial negro e as amizades negras.

2.4.2 – "*Saber policial*": a inserção da cultura policial

> "Mas aí, vamos dizer, a atuação diária vai as vezes imprimindo as ações dos outros policiais. [...] Mas o que é louco nisso tudo assim, por ser uma cultura as vezes a gente acaba internalizando tudo isso. Então o kit peba que você viu no trabalho lá ((menção ao seu trabalho de mestrado)), a gente acaba incorporando de forma que até as pessoas que não estão (vendo aquilo ali) quando passam sente medo e o medo é construído. Então mesmo que você esteja ciente da sua… tem que ser racional e tudo mais, essa é uma construção social tão forte que nós policiais que debatemos, que fazemos isso tudo e aquilo outro, acaba se sentindo inseguro frente a essas tipologias que nós resistimos. [...]Então quando eu coloco a velhinha de cabelo branco e branca, não me sinto inseguro com ela, mesmo ela sendo uma poten… tendo essa possibilidade de cometer crime tanto quanto um jovem negro e aí sucessivamente. Mas desconstruir isso da nossa cabeça que é o mais difícil. Nós passamos, quando entrei na polícia, vinte anos já tendo algo antes disso que foi ratificado na construção institucional." (Policial masculino, praça)

> "[...] em qualquer lugar que eu estiver eu consigo perceber uma pessoa em atitude suspeita, mas eu não consigo conceituar. Inclusive um juiz uma vez já me perguntou isso e eu falei que o jovem estava em atitude suspeita, eu o abordei e ele estava armado. E o juiz perguntou "vem cá, o que é atitude suspeita?", eu disse "Senhor eu não sei, eu só sei que alguma coisa me disse que aquele jovem estava armado, eu não sei o que que foi, mas eu abordei e ele estava armado". Então, o que eu eu vou dizer na verdade, é experiência, é experiência de rua." (Policial masculino, oficial)

> "Então você tem o cidadão que tem o estigma social, eu não vou dizer que não há o estigma social, mas até você se tiver andando na rua e ver determinado estigma você também vai mudar de lado, evitar, por causa que é o estigma social. [...] Eu trabalhei muito tempo no Plano, no Varjão, aqui na Asa Norte, a nossa abordagem noturna e a abordagem noturna na Samambaia é do mesmo nível. Agora quando informavam que tinha um elemento armado ou tinha praticado algum tipo de delito, o nível de abordagem aumentaria e a sua forma de agir seria mais enérgica, o que não quer dizer truculenta. Mas a partir do momento em que a pessoa é suspeita, até se provar que ela não é a pessoa, a criminosa que estou procurando, ela vai ser tratada como se fosse. Não com exagero, não infringindo a lei, mas com energia necessária para a segurança da guarnição. Se vai ter que deitar no chão, vai deitar no chão mesmo que depois prove que ela é inocente, sim, ela deita no chão." (Policial masculino, praça)

Diante dos discursos acima, podemos inferir que esse saber policial ele é construído nas ruas e está nas ruas e na experiência cotidiana que cada policial vivencia. Não só isso, a experiência de outros policiais também interfere na forma em que novos policiais, por exemplo, vão construindo esse saber. Apesar de existir procedimentos em que os policiais devem seguir quando estão em atividade de rua, "na prática é outra coisa", como diz os resultados da pesquisa de Jacqueline Muniz.

Muniz (1999), em *"Ser policial é sobretudo uma razão de ser"*, em sua experiência de campo apresenta o trabalho policial de rua e como esses policiais constroem esse saber. A autora coloca tal saber como algo peculiar das ruas, e das experiências dos policiais praça.

> "O que esse saber prático e informal construído pelos PM's faz é, em certa medida, tentar recobrir as lacunas de formação, que vão sendo identificadas

> no decorrer da experiência profissional. Esta é uma forma de saber que vai se experimentando, que vai sendo testada a cada nova e especifica situação e que procura sempre conciliar os procedimentos gerais com as dinâmicas e s fluxos da realidade cotidiana. Esse saber, como qualquer outro, não se furta a incorporação das normas e técnicas aprendidas. Entretanto, não se pode perder a vista que ele precisa ser efetivamente útil. Na retórica policial de rua, o "método" de trabalho saído desse saber não se parece na fala dos PM's como um artefato dissociado do ato mesmo de agir. Inversamente, "método" utilizado apresenta-se dissolvido na condução do próprio evento, sendo parte integrante do **fazer policial**; um "fazer" aberto tanto as idiossincrasias próprias de cada "ocorrência assumida" quanto a individualidade de cada policial." (1999, p. 170. Grifo da autora)

Esse saber policial faz parte de uma cultura policial construída tanto individualmente como coletivamente nas experiências trocadas e são nessas condições que, geralmente, o suspeito da polícia corresponde ao mesmo do *Kit Peba* (SILVA, 2009) para qualquer lugar que esse policial for, seja na periferia, seja nos centros como Brasília. E é nessa lógica que, mesmo vindo do mesmo lugar que o suspeito, vários policiais negros entrevistados afirmam que o suspeito está entre cidadãos negros. E que não há como fugir disso pois eles estão entre as estatísticas. Mas a questão está no fazer policial, o fazer policial que cria um *kit peba* vinculado a cultura hip hop que vem do povo negro (Nascimento, 2014). É um fazer policial, que passa sim por gerações e gerações da polícia e que está enraizada na formação da polícia preparada para suspeitar de jovens negros.

Capítulo 3 – Tecendo trajetórias de vida: o jovem negro e a/o policial negra/o

Saber-se negra é (...) também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (Neuza Santos Souza, 1983)

Por fim chegamos ao cerne desse trabalho. Considerando a figura do suspeito, já apresentada anteriormente, traçaremos trajetórias nesse capítulo. Não com o intuito de um estudo comparativo, mas de reparar de onde vieram esses policiais, como foi sua juventude antes de entrar na polícia. Queremos marcar esse encontro de origens, de cidades, de experiências tendo como marco jovens negros e a periferia negra.

Inicialmente deixaremos com que nossos informantes falem de si. Num segundo momento teceremos esses encontros. Quando utilizamos o termo tecer, estamos pensando em entrelaçamento, a fim de encontrar as tramas dessas relações para, assim, refletirmos sobre elas.

3.1 – Sou[11]...

Trajetória 1

"Eu sou Mineiro de João Pinheiro. Então, vim de lá aos três anos de idade mais ou menos e aí sou mineiro por nascimento, mas cresci em Brazlândia. Brazlândia é uma cidade de periferia, [...] tem uma configuração mais ou menos de 60% de pessoas negras, né, renda baixa, então tem poucas pessoas com pós-graduação. E minha vivência foi nesse espaço, né. Então sou negro, de amigos negros e brancos, mas mais negros na minha adolescência. E essa era minha percepção de polícia antes, né, de repressão ao estado. Só que enquanto periférico, de Ensino Médio, né, desempregado, [...]o único lugar que você tinha de conseguir um emprego público com possibilidade de entrar é na polícia e no bombeiro. E naquela época que entrei em 99, mas o

[11] Para melhor compreensão das leituras, quero registrar que fiz algumas perguntas referentes a idade, estado civil, cargo que ocupa na polícia, há quanto estão no batalhão, sobre a família, entre outras que disponibilizo no anexo (NUMERO). Dessa forma, as respostas não foram lineares como o texto parece demonstrar. Organizei as falas de forma que as leitoras e os leitores compreendessem melhor a trajetória dos nossos policiais.

concurso começou em 97, 98, vamos dizer que eram três salários mínimos mais ou menos, quatro salários mínimos mais ou menos o salário do policial, então era a chance que nós tínhamos de ter algo, né. É claro que isso teve um sofrimento gigantesco, um conflito interno gigantesco, não por questões éticas, essas coisas assim, mas por questões políticas né. Então via a polícia como um instrumento de repressão do estado e tinha que entrar, né. [...] me entendia como marxista naquela época 17, 18 anos e via aparelhos ideológicos e aparelhos de repressão e essa era a perspectiva que eu tinha de sociedade, vamos dizer, até aquele momento. [...]. Então, quando eu via... por exemplo, eu era abordado constantemente [...]. Aí eu terminei o segundo grau então, por exemplo, mas continuava tentando viver a cidade que era participar de rodas de violão com os amigos, tudo mais e ir para biblioteca, então constantemente era abordado na ida. Então, por exemplo, lembro escutava na época as ventoinhas do carro, né, da viatura que vinha "ziiiim" já ligado porque andava devagar. Então ali eu já desacelerava o passo até lembrar, vamos dizer assim, os ritos, né, já chegava e eu sempre andava com um tabuleiro de xadrez e um livro que ia pra biblioteca estudar e depois ia jogar com a galera xadrez. Então já chegava, o cara já chegava e falava "ó, tu já sabe né?" Já chegava colocava, abria já o tabuleiro de xadrez em cima da viatura, colocava os livros encostava na viatura, levava o bacu fechava o tabuleiro de xadrez, pegava e colocava o livro em cima e continuava seguindo como se já fosse um ritual normal aquela prática já. Então, ia para as rodas, pessoal já chegava, até com pessoas que eu trabalho hoje, derramava o vinho da gente, pegava os que fumavam abria a carteira de cigarro todinha. Então via práticas de racismo em algumas abordagens que eu sou negro, mas tinha amigos com mais pigmentos que eu, mais melanina que eu, então a gente percebia que demorava mais a abordagem naquelas pessoas, então isso a gente até reclamava na hora, "por que nele e não na gente também?". Abria, pedia para esvaziar os bolsos também da gente, que fazia determinado tipo de abordagem na gente todo mundo com a mão na cabeça, todo mundo, mas em alguns é mais incisivo, e tudo mais. Então a gente já percebia, quem está sendo abordado percebe o quanto está sendo discriminado, a medida que está sendo, logo o porquê que está sendo, né. [...] Na minha família não tinha policial antes e tudo. Eu tive medo da reação dos meus amigos por ser realmente marxista [...]. Mas tinham alguns e a melhor resposta foi de um... Do [*nome do amigo*][..]. Que aí eu até me afastei e ele que foi lá em casa me buscar, o apelido dele Big Fut, "não Big, ué, só a gente da periferia que sabe o que que a gente está precisando. Você não vai deixar sua família desamparada, você não vai fazer isso... Tem que fazer". Então... E depois mesmo acho que foi... Vamos dizer assim, dos meus amigos mesmo

teve um respeito a decisão gigantesca. Tanto que eles mudavam a atitude deles quando eu estava fardado para tentar respeitar a autoridade Big Fut do policial. E aí eu que tinha que fazer a desconstrução "não e aí chega ae" conversando. Mas eles mudavam [...] tipo assim para não me prejudicar perante os outros policiais. Então em abordagens, alguma coisa aí eu que fazia, "não ó" já chegava falando "e aí tal, tal, tal" que era para os outros, tipo, já se desarmar para não permitir que aquilo ali acontecesse pelo menos com meus amigos. [...] [*Perguntei em quais profissões trabalhou anteriormente*] Na verdade, fui engraxate [*risos*], servente de pedreiro, fui agente de saúde, garçom, então desde os sete/oito anos trabalhando. [...]. Entrei na UnB depois da… eu entrei na PM em 99 e na UnB em 2002 enquanto graduado. [...] eu tenho a dupla habilitação né. No caso Sociologia e Antropologia." (Policial masculino, praça)

Trajetória 2

"Tenho 42 anos vou fazer 43. Nasci aqui mesmo em Brasília, inclusive aqui mesmo em Sobradinho. ((risos)) Eu tenho uma filha, né, de 21 anos. Eu servi a aeronáutica em 1991, da aeronáutica eu saí fui trabalhar com computador. Trabalhei montando computador mais ou menos um ano e fiz concurso para polícia militar e corpo de bombeiros e passei nos dois, só que a PM me chamou primeiro, mas eu tinha preferência em ser bombeiro até porque eu fui bombeiro mirim. Então já estou aqui já há 22 anos nessa carreira polícial militar. Servi 18 anos no BOPE, fui da Tropa de Choque, fui do PATAMO e agora tem quatro anos que eu estou aqui. [...] Casei agora tem 4 meses. Negro. Eu fiz Pedagogia, tem 5 anos que eu me formei em Pedagogia na Projeção aqui de Sobradinho. E eu fiz minha monografia, eu te falei né, sobre Bullying na escola, tirei nota 9.0. [...] Sobradinho, nasci aqui, cresci aqui, então assim pelo menos até a média do ano 2000, 2002 por aí, Sobradinho era uma cidade mais tranquila. Então depois que foi surgindo aí Sobradinho II, [ ] Nova Colina que vamos considerar como se fosse uma periferia de Sobradinho, então a violência aumentou bastante, aumentou muito, muito mesmo. Então nessa época aí até meados de 2000 e 2002 era uma cidade muito tranquila. [...]. Tenho um irmão, que é mais velho que eu, dois anos mais velho que eu de polícia, vai fazer 25 anos [*na polícia*]. [...] eu vi ele estudando falei "caramba", daí eu vi ele fardado e falei "pô, vou entrar nessa merda também". Só que o objetivo era para ser bombeiro, mas de qualquer maneira os salários são os mesmos, mas bombeiro é mais querido, lógico. A PM é mais visada, é mais odiada, a gente anda/ é muito difícil ter as pessoas ao seu favor, muito difícil, independente do crime que o moleque cometeu [...] Na verdade eu fiz [*concurso*] para PM e fiz Bombeiro e fiz Correios, mas

a PM me chamou primeiro. Aí meu irmão falou "ué, mas é o mesmo salário, você já ficou duas semanas na PM e agora você vai para o Bombeiro ralar mais duas semanas sendo que é o mesmo salário? Aí eu falei "é, vou ficar na PM mesmo". Aí continuei, mas eu gosto da profissão. Antes de tudo eu trabalhei, eu servi a aeronáutica. Já fiz de tudo. Quando eu era menino, já vendi jornal, já vendi picolé, já engraxei sapato. Já trabalhei fazendo mesa , de marceneiro. Então só depois que fui para a aeronáutica, aí servi lá um ano. Saí. Fui montador de computador e fiz esses concursos públicos e passei. E vim para a PM aí no ano de 1994. [...]. Eu tinha muito respeito [*pela polícia*]. Eu via, porque eu ainda cheguei a pegar aquela época da ditadura, então a gente via o camburão na rua (a escolta militar, a polícia e ficava com aquele receio, né). Mas assim, eu sempre tive uma visão boa, sempre que precisei ou algum parente meu eles atenderam, foram educados, nunca... aliás, uma vez eu levei um cassete [*ele ri*]. Não sei se você lembra do show do Legião Urbana que teve aquele tumulto, já ouviu falar? Foi a última vez que ele cantou em Brasília. Quebraram o estádio todinho e eu estava vigiando carro, eu , meu irmão e outro amigo e a gente estava vindo embora e a gente foi abordado pela cavalaria. E eu era menor, mas eu estava com meu irmão que era maior. Aí ele perguntou o que que a gente estava fazendo lá, mandou meu irmão levantar a blusa, mandou o outro levantar a blusa, aí eu falei "ah, vou levantar também né?" Aí ele pegou o cassetete e disse "deixa de ser oferecido que eu nem estou falando com você, seu oferecido" [*ele ri*]. Me deu uma cassetadinha aqui, mas aí eu assustei, fiquei em um medo que eu quase mijei nas calças. Aí "eu estou te fazendo pergunta, rapaz? Fica na sua". Aí "não. É meu irmão, a gente estava vigiando carro aqui no show e estamos indo embora". Aí ele falou " E vocês pegaram dinheiro?". "Não, a gente pegou". Daí mostrou um monte de moeda, aí eles viram que a gente realmente estava vigiando carro. E "você estão indo pra onde?". "Estamos indo para a rodoviária pegar o ônibus, que a gente mora em Sobradinho. Estamos indo embora porque teve bagunça no show." Aí eles liberaram a gente. Foi a única abordagem que eu tive, mas eu não fiquei com raiva disso." (Policial masculino, praça)

Trajetória 3

"Tenho 48 anos, tenho cinco filhos, sou casado e moro em Formosa (GO) e trabalho aqui na Polícia Militar há 28 anos. Trabalho em Sobradinho há 24 anos. E ultimamente estou na atividade meio, que seria tipo administrativo. Sou pedagogo. [...] eu sou moreno claro, não tenho preconceito. Acho que o preconceito quem faz é a própria pessoa, essa discriminação de cor, de raça,

de credo [*inaudível*]. Então… eu acho (que) o preconceito a pessoa mesmo que cria, eu acredito que não há preconceito não. Meu pai é moreno escuro e minha mãe é morena clara. Meu pai era moreno escuro né. Ele faleceu. Meu estado de origem é Brasília. Eu nasci em Taguatinga e moro em Formosa. [...] meu irmão, ele é policial militar do estado de Goiás. Mais novo [*o irmão*]. Eu entrei primeiro. [...] foi o primeiro concurso [*a polícia*] que eu prestei, passei, por necessidade, para ter independência financeira, para ajudar minha família, e foi por necessidade mesmo. Agradeço a deus pelo emprego que tenho. Estou super satisfeito, pretendo terminar meu tempo e estou satisfeito. Não foi por ideologia, não foi por gostar, foi por necessidade mesmo. Opção de emprego. Na minha hora de folga eu desempenho o serviço técnico em eletrônico. [A*nteriormente, qual era sua visão sobre a polícia?*]Era adolescente, e era muito caseiro, então não tinha muito contato com o mundo externo, com a polícia, eu não sabia nem qual era o serviço de policial militar. Tinha um pouco de receio porque naquela época o pessoal acho que era menos instruído, era sei lá, eu tinha um pouco de receio. *[Perguntei se foi abordado*] Uma única vez. Foi tranquilo. Foi abordagem normal e como eu não devia nada foi tranquilo o tratamento." (Policial masculino, praça)

Trajetória 4

"Estudei em colégio militar em Brasília. Sempre estudei em colégio público aqui no DF. Desde pequena moro em Brasília, meu pai é Militar do Exército, então quando eu era criança a gente viajou para várias partes do país, principalmente interior, mas na fase de estudo mesmo, primeiro grau e segundo grau, foi em Brasília. No caso o primeiro grau foi em escola pública e depois fui para o Colégio Militar de Brasília. Aí eu segui a carreira da Polícia Militar mais como uma oportunidade a época, que a época era juntamente com o vestibular da UnB. Aí eu prestei o vestibular da UnB, podíamos ter duas opções de curso, não sei como é hoje. E aí eu passei na Polícia Militar em 1997. A época eu era concursada já da TeleBrasília, eu era telefonista, passei um ano trabalhando como telefonista. E aí já passei nesse concurso público após, eu não tinha feito ainda uma faculdade, após me formar na Academia de Polícia Militar eu comecei uma faculdade de Direito, demorei um tantinho para terminar, mas terminei. [...]. [*Com relação a raça/cor como você se identifica?*] Negra. Tanto que a minha identidade está negra. Apesar das pessoas insistirem em colocar parda. [...] nasci no Rio de Janeiro. [P*erguntei com qual idade saiu do RJ*] Para Brasília mesmo, acho que foi com uns cinco, seis anos. Mas a gente foi embora de Brasília, depois

retornamos novamente quando eu era adolescente, depois da adolescência... estou aqui há mais de 25 anos. [*Perguntei onde mora*] No Cruzeiro. Cruzeiro Novo. O Cruzeiro é tranquilo. Eu vejo assim, o Cruzeiro, Sudoeste, Octogonal, a gente vive meio que em uma ilha, ao redor da violência real que é Asa Sul e Asa Norte. Cruzeiro realmente o índice de criminalidade lá é baixo. Eu já trabalhei lá, passei mais de dois anos trabalhando no Batalhão do Cruzeiro e era muito tranquilo mesmo. [...]. Minha irmã também é policial militar e meu irmão é do exército. A época, como eu estava saindo do segundo grau e eu estava no Colégio Militar, a gente só visava carreira militar, tanto eu tentei o exército, que não tinha a época para mulher, a gente ficou aguardando para ver se abria para mulher. Tentei aeronáutica na época, oficial da aeronáutica, não passei. Aí eu fui tentando as carreiras militares e passei na Polícia Militar. [A*nteriormente, qual era sua visão sobre a polícia?*] Assim, como eu estudava no colégio militar era tudo assim muito glamoroso. Porque nós tínhamos os nossos professores, nossos instrutores, aquela disciplina, sempre achei bonito os uniformes, a forma de vestir, a forma de se portar. Então assim, essa visão meio glamorosa da coisa, de você ter um status, de você se vestir bem com o uniforme, era essa mais ou menos a… Na época ninguém pensava em dinheiro, na minha época, queria era trabalhar, ter uma profissão. Hoje em dia é meio diferente, as pessoas fazem concurso público não importa um sonho, visa o dinheiro, o salário. Na época eu nem pensei em salário, eu nem vi salário, quando eu fiz o concurso eu queria era trabalhar. Sair do segundo grau e trabalhar. [*Perguntei sobre a reação da família ao entrar na polícia*] Fui totalmente apoiada, apesar da minha mãe sentir medo. Ainda mais depois da minha irmã também foi, prestou concurso. [...] sempre morei no Plano Piloto, porque meu pai era Militar do Exército então tinha os apartamentos funcionais. Depois que meu pai foi para reserva, nós viemos para o Cruzeiro." [*Nunca foi abordada*]. (Policial feminina, oficial)

Trajetória 5

"Tenho 36 anos. Nasci aqui no Distrito Federal, aqui na Ceilândia. Fui criado aqui na Ceilândia mesmo. Estudei o Ensino Médio aqui também na Ceilândia e depois eu comecei a estudar, fiz Escola Técnica e entrei na Aeronáutica. Com 18 anos entrei na aeronáutica, fiquei três anos e meio na força aérea e saí da aeronáutica e fui para a Polícia Militar. Passei como Soldado da Polícia, fiquei (dez) anos como soldado, prestei outro concurso, passei para o CFO e me tornei Oficial da Polícia. Hoje eu sou Tenente da Polícia. Tenho dois filhos, sou casado. Sou formado em História pela UnB. Depois fiz uma

complementação da Graduação e me formei em Direito também. E tenho uma pós-graduação em Ciências Jurídicas. [*Com relação a raça/cor como você se identifica?*] Negro. Negro. [*Perguntei sobre a vivência dele com a Ceilândia*] A Ceilândia na verdade ela sempre foi considerada uma das cidades mais violentas do DF. Isso é fato. Até hoje ela está no ranking das cidades mais violentas. Porém quem nasce na periferia acho que desde pequeno você aprende a se virar numa cidade violenta. Então você aprende onde você deve ir, o horário que você deve ir, as pessoas que você deve ter como amigo, as escolhas que você deve fazer, é aparente que tudo isso vai influenciar na sua vida. Então, [*inaudível*] por morar na Ceilândia nunca senti que eu era diferente de alguém por conta disso ou pra pior ou pra melhor. É claro, me precavia mais do que alguns colegas que moram talvez em outros lugares [...]. Mas, como sabia dessa violência que a gente tem e inclusive que é uma violência endêmica, não está mais foco na Ceilândia. Acho que ter nascido aqui na Ceilândia tem uma vantagem, porque aprendi a me virar e a me defender das coisas da vida. Queria sair daqui [*da Ceilândia*], porque essa violência para nós policiais ela é um pouco mais perigosa, porque ela aflinge diretamente nossa família. Eu tenho uma casa lá no PNorte e inclusive quando eu estava fazendo o curso de formação de oficiais, eu tive problemas com minha esposa que tentaram entrar na minha casa, tive que ligar para uns colegas, eles foram lá verificar o que estava acontecendo lá, acabou que era só uma suspeita, não se confirmou nada e depois dessa oportunidade eu fiquei um pouco mais com mais receio, queria sair da Ceilândia. Só não saí mesmo, porque meus familiares, minha mãe e meus sogros moram aqui na Ceilândia. E como a minha mãe tem alguns problemas de saúde, a gente achou por bem, eu e meu irmão achamos por bem continuar aqui porque a gente dá um suporte para ela. Meu irmão é bombeiro. Ele é mais velho. Nós estudamos o segundo grau na mesma escola. Nós fomos para a escola técnica juntos. Nós passamos no mesmo vestibular. Ele foi para a Aeronáutica e eu também fui para a Aeronáutica e aí na época que eu fui pra Aeronáutica saiu o concurso do bombeiro e eu estava estudando para o concurso do bombeiro também, só que aí ele passou no concurso do bombeiro e continuei na aeronáutica e depois passe para a polícia. Então, com certeza me influenciou muito. Na verdade eu entrei na aeronáutica por conta do salário mesmo. Porque naquele momento era a única coisa que tinha. E sempre estudei, sempre fui um cara não muito estudioso, mas sempre fui bem estudioso. Aí teve outros concursos e eu não passei em nenhum e aí passei no de soldado da polícia e quando eu entrei na polícia eu queria sair dela, esse era meu objetivo. Daí continuei estudando, fazendo a graduação na UnB, continuei estudando me ajudou muito, porque a compatibilidade de tempo me

proporcionava a estudar inclusive no diurno. Porque a gente sabe que numa Federal você estudar de dia tem que ter alguém para sustentar e eu não tinha ninguém para me sustentar, então eu trabalhava a noite numa escala de 12 por 60 a noite e durante o dia eu estudava na UnB. Daí quando eu saia para ir para a UnB que eu estava de serviço, eu ficava 36 horas sem casa, né, porque eu saia de manhã e ficava na UnB o dia inteiro, da UnB ia para o serviço, trabalhava a noite inteira e voltava pra UnB de manhã e assistia aula o dia todo. Então assim, mas me ajudou muito porque eu consegui fazer a graduação que eu queria, que eu queria me formar em História mesmo. E quando eu terminei meu objetivo era fazer concurso de nível superior e sair da polícia e eu tentei vários outros concursos antes de sair o CFO e não passei em nenhum deles e passei no CFO de novo e tal, eu sou cristão e eu acredito assim que era porque eu tinha que ficar na polícia mesmo e que essa era a minha missão, entendeu? E assim eu sou muito satisfeito com minha profissão, com meu serviço[...]. [*Perguntei por que ele queria sair da PM*] você tem que fazer muitos sacrifícios para continuar na polícia. É uma profissão muito sacrificante. Você tem que fazer uma série de sacrifícios, por exemplo: você não pode estar em todos os lugares onde as pessoas frequentam, você não tem mais as mesmas amizades que outros [*inaudível*] quando você era civil, você tem que estar atento a tudo e a todos a todo momento, você tem que ter poucos amigos, você tem que sacrificar muito a sua vida em prol da profissão. E socialmente falando você não vê uma consideração por conta disso. Então assim, em termos de remuneração compensa, mas em termos de sociedade, de aceitação social eu senti que não concordava muito que era melhor sair. Mas com o passar do tempo eu aprendi a lidar com essa situação e aí a questão remuneratória ela prevaleceu. [*Perguntei sobre profissões anteriores*] Eu fui office boy da caixa durante um ano e meio, fiquei três e meio na força aérea. [A*nteriormente, qual era sua visão sobre a polícia?*] Aqui na Ceilândia, assim como toda a periferia a polícia é vista com maus olhos, eu como jovem naquela época sempre olhava a polícia com maus olhos. Inclusive até aconteceu um fato interessante no ano de 1999 quando eu terminei o segundo grau, teve um colega que queria fazer o concurso da polícia, e eu falei pra ele que eu não queria ser policial, porque eu não queria trabalhar na polícia e ele fez o concurso em 99, ele não passou. Aí depois ele fez do bombeiro passou e virou bombeiro. E eu queria ser bombeiro e virei policial militar. Mas com certeza, para o jovem da periferia realmente não dá para compreender a atividade da polícia, é realmente complicado, é contraditório sem dúvidas. E para mim era bastante, mas quando você começa a crescer amplia seu campo de visão, você começa a perceber na verdade o que era feio não é tão feio e o que era bonito não é

tão bonito assim. [*Perguntei se já foi abordado*] Sim. Claro, eu moro na periferia, né. Vamos ser sinceros. Já passei por algumas. A maioria foi muito tranquila, teve uma vez que dessas todas, que o policial me deu um chute no tornozelo. Na época eu tinha 16 anos, eu não sei se foi porque eu demorei colocar a mão na cabeça e tudo mais, enfim. Eu sei que ele chegou e me deu um chute no tornozelo e eu fiquei bastante incomodado com aquilo. Poxa, não precisava ser assim não, porque eu sempre fui um cara do bem. Então na minha cabeça aquilo não tinha necessidade nenhuma e até hoje eu penso assim. Só que com o passar do tempo eu fui percebendo que na verdade e aí acho que é uma coisa interessante de você observar, o momento da abordagem, o momento inicial da abordagem ele é um momento muito crítico, porque você não sabe quem está do outro lado. Houve uma quebra realmente na minha vida quando eu entrei para a polícia, com certeza. Com relação as amizades então, muito também. Então, por exemplo, eu sempre gostei muito de jogar futebol e hoje em dia, por exemplo, eu jogo futebol do Batalhão, não jogo mais futebol com todo mundo. Eu até, inclusive, nisso aí eu fui um dos mais resistentes, porque os meus colegas a grande maioria quando entraram já se isolaram de vez. Eu não, eu fiquei resistindo durante um tempo, mas eu percebi nitidamente que eu era um patinho feio em alguns lugares, eu jogava futebol aqui na 10 da Ceilândia Norte, onde tem muita gente que não vale nada e eu jogava futebol lá porque eu tinha um time com uns amigos e tudo mais, então eu jogava bola com eles com tranquilidade. Mas eu comecei a perceber que muitas daquelas pessoas que eu tinha abordado no dia anterior estavam lá no futebol também. Então eu tinha que preservar minha vida, então assim eu tive que me distanciar de muitas coisas. Eu sempre gostei muito de pagode, eu estava até comentando com um colega. Ali perto da minha casa tem um pagode só que ele é lá na expansão do Setor O, uma região muito perigosa e eu passo de carro e vejo o pessoal tocando pagode ainda as vezes me dá vontade de parar e escutar o pagode que eu gosto, mas eu não paro, não paro pra preservar a minha integridade física." (Policial masculino, oficial)

Trajetória 6

"Tenho 37 anos, sou casado há dez anos, tenho dois filhos um de 7 e 4 anos. Eu tenho graduação em Língua Portuguesa na UnB. Mestrado em Linguística na UnB e [...] Gestão de pessoas pela FUNEVEST. Sou negro. Não há como fugir disso. [*Perguntei onde mora*] Samambaia. Sou Mineiro de Minas Gerais, Monte Carmelo. A minha cidade é uma cidade do interior. No interior geralmente funciona serviços básicos, acesso a saúde, educação, mas assim a minha família sempre foi muito pobre. Meu pai sempre trabalhou demais e

assim, a gente não tinha muitas condições. Quando eu ainda morava em Minas a 17 anos atrás, estava começando a surgir a questão das drogas, mas hoje as drogas já estão para todo lado, então a criminalidade lá hoje em dia eu quase comparo a de Brasília. Hoje em dia há criminalidade, na minha época não tinha criminalidade vista, eu não sei se eu era criança e não percebia se tinha, mas geralmente a gente não tinha conhecimento, "ah, alguém morreu, alguém matou", não, não tinha isso. A maioria das vezes que acontecia isso era violência doméstica. O local que eu moro hoje, Samambaia, já foi no DF um local muito perigoso ou pelo menos tem o instinto de ser um local perigoso. Mas o final de Samambaia. O local onde eu moro é para classe média alta, então não tem contato com violência em Samambaia. Então onde eu moro hoje, uma Águas Claras ou Plano para mim tem o mesmo peso, que eu não vejo violência, porque eu moro numa parte mais nobre da cidade. [*Perguntei se tem familiar na PM*] São da Aeronáutica. Força Aérea. Eu tive a sorte de ter um parente militar que me mostrou o caminho, porque como eu era do interior essa questão de concurso no interior ainda não chegou no interior. Você é criado para o trabalho no interior. Então, como eu tinha parentes que eram da força aérea daí eles/ a tradição da minha família foi todo mundo, todo homem, e aí nesse sentido a mulher sempre foi prejudicada nesse sentido, completou 18 anos teria que vim para servir e nesse momento de vim para servir, como eu tinha um tio da mesma faixa etária, um pouquinho mais novo, viemos para servir juntos. Eu não pude servir porque meu ano deveria ser um ano antes e meu tio que tinha alguns contatos disse "você não vai embora, você vai ficar aqui para estudar". E o foco de quando eu cheguei aqui com 18 anos era estudar para carreira militar, não tinha outro. A gente não sabia nada de nada. Então, era ser militar. Eu estudava para ser da aeronáutica, não era polícia, eu queria ser da aeronáutica. Não gosto de ser policial. Com eu sempre digo, ou dizia eu não sou policial, eu estou policial, tem essa diferença. Assim, durante um bom tempo da minha vida eu era professor, eu dei aula e tal, mas assim a questão remuneratória pesa muito. Daí eu cheguei num momento de querer ser concurseiro. Mas assim, hoje em dia pelo que eu ganho pra sair da polícia tem que ser um concurso muito top. Então assim, acaba que a polícia ela não é o serviço ideal, "ah meu sonho", mas ela te dá uma infraestrutura financeira que não te permite sair. Eu entrei na UnB eu já era formado, eu já era policial. Então assim, eu fui um dos primeiros policiais que ia fardado para a UnB. E foi um choque. Eu trabalhava na Asa Norte, só saia do serviço ia pra aula, pegava uma aula, daí voltava. Como era intercalado, eu pegava o horário de oito às dez, ia para o serviço, ficava lá até duas horas, duas horas eu tinha aula até às catorze, voltava pra UnB. E daí eu ia fardado. E a galerinha que usa droga e

tal se sentia inibida com a minha presença, mas eu dizia “aqui na UnB eu não sou policial, eu sou aluno”. Então você a cada local tem um papel social definido, você tem que exercer os papéis sociais. Então eu não visto a farda 24 horas. Quando eu estou fardado eu sou policial, quando eu tiro a farda eu sou um cidadão no papel de pai, de filho, de irmão de alguma coisa menos policial. Quando eu morava em Minas eu tive um dissabor com a polícia. Moleque, apronta, briga e tal. Um dia eu passei. Eu estava numa festa, passou um carro e eu esbarrei no carro que por ventura era de um policial que estava fardado e tal e como minha família sempre foi muito conhecida em Minas, ele me pegou no meio da festa, me chamou atenção no meio de todo mundo, me colocou no carro e me levou até minha casa. E falou “olha, seu filho fez isso, isso, isso e isso.” Não tinha noção. Para mim eu estava errado. Quando você vai estudar você vai ver que ele estava errado, né. E assim, eu fui muito repreendido, mas eu nunca tive assim uma visão negativa ou positiva da polícia. Eu nunca tinha, antes de eu entrar na polícia, não tinha me colocado como cidadão para analisar a polícia é legal. Essa visão crítica das coisas é muito recente nas pessoas, entendeu? Assim, se eu tivesse uma visão positiva é porque a polícia teve me ajudado em algum momento, se eu tenho uma visão negativa é que em algum momento a polícia cerceou alguma coisa que eu estava fazendo. Eu lembro que quando eu entrei no concurso da polícia eu era sargento da aeronáutica, eu tinha passado para sargento da aeronáutica. Só que eu optei vir para a polícia. Na época o sargento da aeronáutica ganhava 500 reais e o soldado da polícia ganhava 900, lógico que a questão financeira pesou. Daí, quando eu falei lá em casa “eu vou para a polícia”, todo mundo “não, não, não, não”. Mas assim, quando eu vim para a polícia mudou a situação financeira da minha família, eu tive condições de bancar meus irmãos para estudar, essas coisas, meus irmãos todos formaram na UnB também, todo mundo é concursado. Então, gratidão pela polícia pelo que ela me proporcionou, mas nada de amor ao serviço, a farda, não é o que eu sonho fazer e nem o que eu queria fazer. Se eu pudesse… eu posso. Mas se eu fosse escolher hoje uma profissão por amor eu tocaria na Orquestra Sinfônica de Brasília. Seria meu sonho de consumo, mas hoje em dia a gente não escolhe profissão por amor, acho que o capitalismo já...né, englobou muitas coisas. Então, primeira coisa são as necessidades pessoais, família, necessidades financeiras. Em segundo plano fica a vocação, amor, essas coisas.” (Policial masculino, praça)

Análise

Antes de pensarmos um pouco sobre as trajetórias relatadas, abaixo segue um quadro em que foram sintetizados alguns pontos chaves identificados nas falas de cada informante

Quadro 6 - Perfil dos entrevistados

	Sexo	Idade	Escolaridade	Estado de origem	Residem:	Ano que entrou na PM	Cargo
Trajetória 1	Masculino	37 anos	Superior	João Pinheiro - MG	Brazlândia	1999 (não tinha ensino superior ainda)	Sargento
Trajetória 2	Masculino	42 anos	Superior	Sobradinho - DF	Sobradinho	1994 (não tinha ensino superior ainda)	Sargento
Trajetória 3	Masculino	48 anos	Superior	Taguatinga - DF	Formosa - GO	1988 (não tinha ensino superior ainda)	Sargento
Trajetória 4	Feminino	39 anos	Superior	Rio de Janeiro	Cruzeiro Novo	1997 (não tinha ensino superior ainda)	Major
Trajetória 5	Masculino	36 anos	Superior	Ceilândia - DF	Ceilândia	2003 (não tinha ensino superior ainda)	Tenente
Trajetória 6	Masculino	37 anos	Superior	Monte Carmelo - MG	Samambaia	1999 (não tinha ensino superior ainda)	Sargento

Existem algumas similaridades entre as trajetórias acima, apesar das experiências serem particulares. Observa-se que a maioria dos nossos entrevistados vieram da periferia ou cidades interioranas. Alguns das Regiões Administrativas do Distrito Federal, outros de Minas e Goiás. Apenas uma participante, a única do sexo feminino, disse ter passado parte da sua vida pelo Plano Piloto, mas é natural do Rio de Janeiro. Alguns permanecem nos locais de onde vieram ou onde residiram na sua juventude.

Dentre os seis, dois não tinham familiares na polícia militar quando resolveram entrar, porém quatro afirmaram que de certa forma tiveram influências de familiares para adentrarem a carreira. Outro fator a ser considerado, e que já mencionamos no capítulo anterior, é o fato de que entraram na polícia por questões empregatícias ou porque precisavam de uma renda para subsidiar a família e a si mesmos. Além disso, ao entrarem na PM não possuíam ainda o Ensino Superior[12].

Inclusive, muitas foram as falas em que expressaram a vontade de seguir outros tipos de carreira ou ainda, sobre a oportunidade oferecida pelo trabalho na polícia para sua formação em cursos diversos: ciências humanas, artes, linguística, etc. Assim, é interessante observar que, a despeito de conferirem certo status à carreira militar e ao "usar farda", a carreira policial não aparece como uma opção vocacional, mas uma escolha pragmática.

Quando interrogamos sobre qual era a visão dos policiais sobre a polícia militar quando ainda não faziam parte dela, três dos nossos participantes responderam que viam o trabalho policial como algo negativo, como uma instituição repressora. Outros disseram que tinham "receio", ou seja, se sentiam apreensivos com relação a polícia, como se a polícia transmitisse a imagem de perigo e não de segurança. Inclusive, um dos nossos entrevistados chega a afirmar que "*com certeza, para o jovem da periferia realmente não dá para compreender a atividade da polícia, é realmente complicado, é contraditório sem dúvidas*."

[12] A exigência do Ensino Superior no concurso no DF é um recente. "A nova exigência de escolaridade na seleção dos policiais era parte do projeto "Policial do Futuro", introduzido na PMDF, em 2009, cuja finalidade era aumentar o nível de escolaridade de toda a corporação. Além de selecionar apenas candidatos com nível superior, o Projeto também previa a qualificação dos policiais mais antigos mediante parceria com a Universidade Católica de Brasília (UCB), que criou o curso de Tecnólogo em Segurança e Ordem Pública (TecSop). O curso foi desenvolvido com o objetivo de oferecer formação superior aos policiais militares, ministrando disciplinas relacionadas à prevenção da violência e da criminalidade. O curso é oferecido a todos os policiais militares que não possuem diploma de graduação, tem duração de dois anos e acontece em ambiente virtual, com alguns encontros presenciais. Desde 2010, a UCB já conferiu 2.666 diplomas de tecnólogos aos policiais militares do Distrito Federal." COSTA, A. T; MATTOS, M. J. S; SANTOS, Layla M. dos. *O novos padrões de seleção na Polícia Militar do Distrito Federal*. Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 11, ago/dez 2012. P. 117.

Contudo, não é de se surpreender caso esses jovens e esses policiais, em sua juventude, tenham tido receio da polícia, tendo em vista como o trabalho policial sucede frente as comunidades negras e da forma em que é construída a suspeição policial. A estigmatização, como indicado por Goffman (1982), e que tem sua origem na construção social e nas interações sociais também se fazem presentes nas instituições do Estado, como a instituição da polícia militar.

3.2 – Policial negro e as percepções sobre o suspeito

> *"Então as vezes você sabe que os policiais, por exemplo, quando eu estava lá, adolescente 16/17 anos jogando xadrez, fazendo essas coisas, sabia que os caras sabiam que nunca pegaram arma comigo, sabia que os caras… então isso (sim) você fica com raiva da instituição, porque pô o cara me vê aqui todo dia, sabe que eu estou saindo da biblioteca, sabe que estou isso, sabe que a gente está só se divertindo e mesmo assim todo dia vem abordar. Então ele sabe que está dentro daquela última lógica que é de submeter "olha, estou de olho em vocês. Se você fizer alguma coisa estou aqui tal, tal, tal. " (Policial masculino, praça)*

Barreiras e Adorno (2010), em abordagem acerca da violência na sociedade brasileira, fazem referência a Paixão (1985), que está interessado nos "usos que os policiais fazem de suas prorrogativas institucionais". E apontam que

> "as tarefas de investigação e repressão orientam-se por uma espécie de "lógica-em-uso" nos meios policiais, que compreendem um estoque de conhecimento baseado em categorizações estereotipadas sobre quem são os criminosos, onde se concentram e como agem, o que, por sua vez estimula a criminalização de comportamento justamente dos grupos sociais pouco preparados para ter assegurados direitos civis contra o arbítrio das organizações policiais" (Barreiras e Adorno, 2010)

Sendo assim, essas lógicas criadas a partir da criminalização do comportamento ou a incriminação do sujeito (MISSE, 2010) criam outras lógicas de suspeição policial.

> Entrevistadora: Para você existem diferenças nas abordagens a depender do sujeito? Quem é o suspeito?

> "[...] agora que você está falando dessa questão do suspeito e tudo, quando você se sentir inseguro perto dos seus vizinhos talvez... até falar "cara eu tenho que me livrar disso, não posso ficar sentindo medo do cara, porque está vestido desse jeito ou porque está [*inaudível*] daquele jeito. Esse que é o problema, é porque está internalizado isso, uma série de sistemas que… E aí, por exemplo, se vê as vezes um moleque branco daqui [*Estávamos na Asa Norte*], vestindo aquela roupa, o máximo que você vai ter vai ser "larga de ser ridículo, você não é desse movimento", né. E aí o outro é "cara, será que esse cara vai me roubar?", se for um negro. É esse sentimento, essa coisa que colocam na gente que determinada pessoa, com determinada roupa em determinado espaço a gente se sente inseguro, é esse que é o processo de desconstrução que mesmo que ele tenha feito antes, não quer dizer que ele vai fazer agora de novo. Esse roteiro. Então quantas vezes a gente viu que o moleque foi, entrou no circuito do tráfico, depois saiu e está de boa, mas a gente continua suspeitando, continua empurrando ele mais para o tráfico do que… Aquele processo de construir os muros e aí o local que ele tem é esse, cumprir o roteiro. Tem que se livrar." (Policial masculino, praça)

Quando o entrevistado diz "larga de ser ridículo, você não é desse movimento", ele determina o lugar dessa pessoa a quem se refere, como se dissesse: Você é branco, você não deveria estar vestido assim, porque você não faz parte desse movimento ou não sabe o que esse movimento significa. Ele mesmo marca o lugar do branco aqui. E quando é o negro esse discurso muda para: "cara, será que esse cara vai me roubar?". A suspeição para o respondente é tão inquietante e pesada que ele chega a dizer que suspeitar de alguém, pode levar a pessoa a "cumprir o roteiro" que já determinaram para ela. Estamos falando do roteiro que colocam sobre os jovens negros, que não tendo oportunidade vão seguir uma vida de crime.

> "Existe. Geralmente é o que tem o kit *peba*. Você vê o cara com aquela bermudona, mostrando a cueca, aquele boné aba reta, andando abanando, aquele você não pode dar mole para um cara desse. Provavelmente ele é um... não é um bandido, mas é um cara que vai te oferecer risco, porque a maioria dos bandidos andam assim. Então uma abordagem de um cidadão desse tem que ser com mais energia, não é chegar batendo. É voz ativo. "Atenção, não se mexe, mão na parede". Se se mexer... Entendeu? É assim. Tem que fazer uma coisa mais segura. "Ei, você aí", o cara vira e pá em você." (Policial masculino, praça)

> [*Nesse momento ele ri diante da pergunta*] é difícil, eu vou responder por mim. Não, por mim eu nunca presenciei não e acho que todos são iguais perante a lei. Então para mim não tem discriminação não. (Policial masculino, praça)

> Existe. Ah, infelizmente tem o preconceito mesmo. Se a pessoa está mal vestida, se está com aquele Kit Peba básico. Ela já é suspeita do crime. Ela já é a suspeita. [Q*uem é o suspeito?*] Ah, o suspeito é sempre o mal vestido. Primeiro é o mal vestido. segundo é o negro. [*Como você se sente quanto a isso*?] Péssima. Péssima. Péssima. Porque eu também viro alvo. [*Perguntei se haviam discussões sobre isso na instituição*] Já, já. Já discutimos bastante, já conversamos. [*Qual foi a reação das/os colegas?*] Sempre tentando justificar. "Não, mas a senhora não é negra, a senhora é morena, é mulata". Aí quando chega nesse ponto eu nem converso mais, porque não tem mais nem o que…" (Policial feminina, oficial)

Essa é uma das falas mais fortes não somente durante o texto em que se escreve, mas no momento da entrevista. Apesar da policial identificar que sim, a polícia militar tem estigmatizado o suspeito e esse suspeito é o negro que se veste com roupas que lembram o movimento *Hip Hop*, ela sente e expressa que é um fato que mexe com ela enquanto negra, pois percebe que ela também (ou seus familiares) são alvo disso.

> "Da pessoa não. A depender do contexto. O contexto sim faz toda a diferença, por exemplo, seja lá onde for uma abordagem durante o dia é diferente de uma abordagem durante a noite. Outro exemplo, uma abordagem com um número menor de policiais que abordados ela é muito perigosa. Outro contexto, uma abordagem dentro de um bar que as pessoas estão sob efeito de álcool, ela é muito mais perigosa mesmo que ele esteja desarmado, mas ela é perigosa porque ele não te obedece, ele está fora da sua razão, ele não vai te obedecer. Então uma abordagem em regiões mais...um ambiente de criminalidade maior é evidente que é diferente de onde você sabe que o índice de criminalidade é menor, isso é fato. Mas não é de acordo com a pessoa, é de acordo com o contexto envolvido. [*Quem é o suspeito?*] É interessante isso, né. Inclusive eu fazia essa pergunta antes de entrar para a polícia. E até hoje eu não consigo conceituar isso não, mas o interessante é que eu consigo, veja bem, em qualquer lugar que eu estiver eu consigo perceber uma pessoa em atitude suspeita, mas eu não consigo conceituar. Inclusive um juiz uma vez já me perguntou isso e eu falei que o jovem estava em atitude suspeita, eu o abordei e ele estava armado. E o juiz perguntou

“vem cá, o que é uma atitude suspeita?”, eu disse “Excelência eu não sei, eu só sei que alguma coisa me disse que aquele jovem estava armado, eu não sei o que que foi, mas eu abordei e ele estava armado”.[...] Por exemplo, quando você percebe que alguém foge à normalidade do ambiente, não sei se você conseguiu me compreender, alguém que foge à normalidade do ambiente, aquela pra mim é uma situação suspeita, vou exemplificar: Estava trabalhando sábado agora aqui na Ceilândia, eram umas 15 horas da tarde, o sol estava escaldante e passou do nosso lado um veículo com dois jovens e um deles estava de blusa de frio de couro, não é possível que ele não está com esse calor e nós os abordamos. Eles não tinham nada, a documentação do carro estava tudo certo, deu pra perceber que eram cidadãos de bem, estava tudo certo, mas só o fato dele estar com a blusa de frio numa situação daquela me chamou atenção para o fato e aí nós o abordamos. Eu não consegui entender até hoje porque que ele estava com aquela blusa num calor daquele, depois que a gente conversou ele tirou a blusa e percebi que...na verdade a gente pediu pra ele tirar a blusa, eu entreguei pra ele de volta pra ver se ele vestia e ele não vestiu mais, entrou dentro do carro sem vestir a blusa, eu não entendi porque ele estava com aquela blusa. Mas ele fugiu a normalidade, então é um contexto onde você precisa fazer uma abordagem numa situação dessa. É o que foge à normalidade.” (Policial masculino, oficial)

“Existe essa diferença, porque é a regra prática da (vida). Nas aulas de abordagem você tem graus de abordagem. Então você tem o cidadão que tem o estigma social, eu não vou dizer que não há o estigma social, mas até você se tiver andando na rua e ver determinado estigma você também vai mudar de lado, evitar, por causa que é o estigma social. Mas existem níveis de abordagem e de acordo com o nível de abordagem, de acordo que você classifica aquela pessoa o nível vai ser diferente, porque eu estou numa viatura, daí o CIAD que é a nossa central passa “olha, elemento base negro assim, assim, assado, portando arma de fogo, tal, tal, tal, tal. A partir daquele momento que eu recebi essa comunicação todas as minhas abordagens terão um nível, elas vão ser direcionadas no mesmo nível. O policial que está na minha viatura, eu e mais dois, motorista vai fazer isso e segurança vai fazer isso e eu vou fazer isso, tudo organizado, porque você diagnosticou que tem alguém com potencial contra você, o cara está armado. Se você falar “tem uma criança, assim, assim” você não vai chegar com arma na mão, entendeu? Tem um nível, de acordo com a situação. Não é de acordo com o perfil da pessoa física, não é porque a pessoa é negra, não é porque a pessoa é branca, porque é rico ou pobre, não. O nível da abordagem varia de acordo com a

periculosidade da situação. A abordagem no Plano é diferente da abordagem na Samambaia? Depende do horário. Eu trabalhei muito tempo no Plano, no Varjão, aqui na Asa Norte, a nossa abordagem noturna e a abordagem noturna na Samambaia é do mesmo nível. Agora quando informavam que tinha um elemento armado ou tinha praticado algum tipo de delito, o nível de abordagem aumentaria e a sua forma de agir seria mais enérgica, o que não quer dizer truculenta. Mas a partir do momento em que a pessoa é suspeita, até ela provar... Até identificar que ela não é a pessoa, a criminosa que estou procurando ela vai ser tratada como se fosse. Não com exagero, não infringindo a lei, mas com energia necessária para a segurança da guarnição. Se vai ter que deitar no chão, vai deitar no chão mesmo que depois que prove que ela é inocente, sim, ela deita no chão. Pensa você: está numa viatura e fala "um elemento assim, assim, assim com uma menina morena com piercing no nariz acabaram de efetuar três tiros contra outra pessoa aqui na quadra tal", daí está você e mais dois policiais e vê o carro igual, às características iguais você vai chegar lá como? Você deve chegar lá com energia para impedir qualquer reação e a melhor forma de impedir uma reação é a pessoa deitada. Então você vai deitar. E se não for você? É um risco que eu corri e que você teve que correr, mas é para a integridade do policial. Não estou dizendo que não há discriminação na forma de abordagem, ainda deve ter muito cabeça de prego. Mas assim, sempre que eu trabalhei na rua eu fui o comandante, então assim essa questão de discriminação por eu já ter passado por isso na minha infância nunca aconteceu. Então eu não presenciei isso na polícia até hoje. [...]A gente da UnB sempre tem essa visão que o negro é discriminado na questão da abordagem, mas se você for pegar uma questão amostral, quantidade de negros praticantes de delitos são maiores do que a de brancos, isso é uma estatística. Se você for a um presídio a maioria dos que estarão lá vão ser negros. Eu sou negro, eu me coloco nessa situação, mas isso é estatística. Tem toda a questão social explicando isso, não discordo da questão social. Mas eu também não posso discordar que isso é um fato. A maioria hoje dos criminosos e dos presidiários são negros. Os motivos que os fazem chegar aí reconheço, reconheço, mas eu também não posso fugir do fato que você tem uma população carcerária negra maior. Então o negro se torna mais suspeito, mas não quer dizer que o branco não seja e que o respeito não tenha que ser o mesmo. Como eu te disse, o que vai definir a energia da abordagem, não é a questão de ser branco ou de ser negro, vai ser a ocorrência em si, o que está passando. Se for um estupro o cara vai ser muito… uma abordagem muito dura. Se for um furto, um roubo vai ser muito dura independente de ser

> branco, ser negro, o que for independente de qualquer coisa." (policial masculino, praça)

Nesses depoimentos percebemos as diversas reações com relação a construção do suspeito para policiais negros. Não somente a construção dos suspeitos, mas quem realmente a polícia escolhe abordar.

Silva (2009), no seu trabalho sobre a lógica da PM na construção do suspeito, estudo feito no Distrito Federal, relata exatamente os estigmas levantados nas falas dos policiais acima, o *peba*.

> "O tipo ideal do indivíduo suspeito, o *peba,* é a figura de um homem, pobre, jovem, com tatuagem/brincos e negro que traja roupas folgadas (bermudão e camisa com número nas costas e, geralmente, do grupo musical RACIONAIS 'MC's) com boné. [...]. Não há discurso explícito, no meio policial militar, de que a maioria das pessoas negras são criminosas. Entretanto, as interações observadas demonstram que, muitas vezes, pessoas loiras com cabelo liso são percebidas como não-suspeitos. Essa é mais uma característica que reforça a lógica de que uma pessoa negra tem a maior probabilidade de ser suspeita. " (Silva, 2009, pag. 98-99)

Mas além da pessoa suspeita, Silva mostra que existem locais suspeitos, regiões mais suspeitas que outras, e essas suspeições são construídas também a partir das percepções dos próprios policiais, algumas através do policiamento ostensivo ordinário.

O autor fala de três ações: "aquelas individuais que são construídas pela percepção dos policiais dos lugares ou dos pontos suspeitos; as ações policiais planejadas dentro de uma política de segurança local, focando um determinado setor; e as ações planejadas dentro de uma política de segurança de uma determinada região ou cidade do Distrito Federal. " (2009, p. 114)

O que se percebe é que essa construção é advinda de várias experiências do trabalho policial. Ou seja, cada policial pode ter ou não (e se não tiver ideia de como seja tal cidade poderá se sentir apreensivo e agir de forma enérgica em qualquer abordagem a frente ou poderá receber informações de outros policiais que já atuaram na região para seguir com a atividade) ter percepções de como determinada cidade ou região está localizada nesse polo de "suspeita e não-suspeita", como classifica Silva.

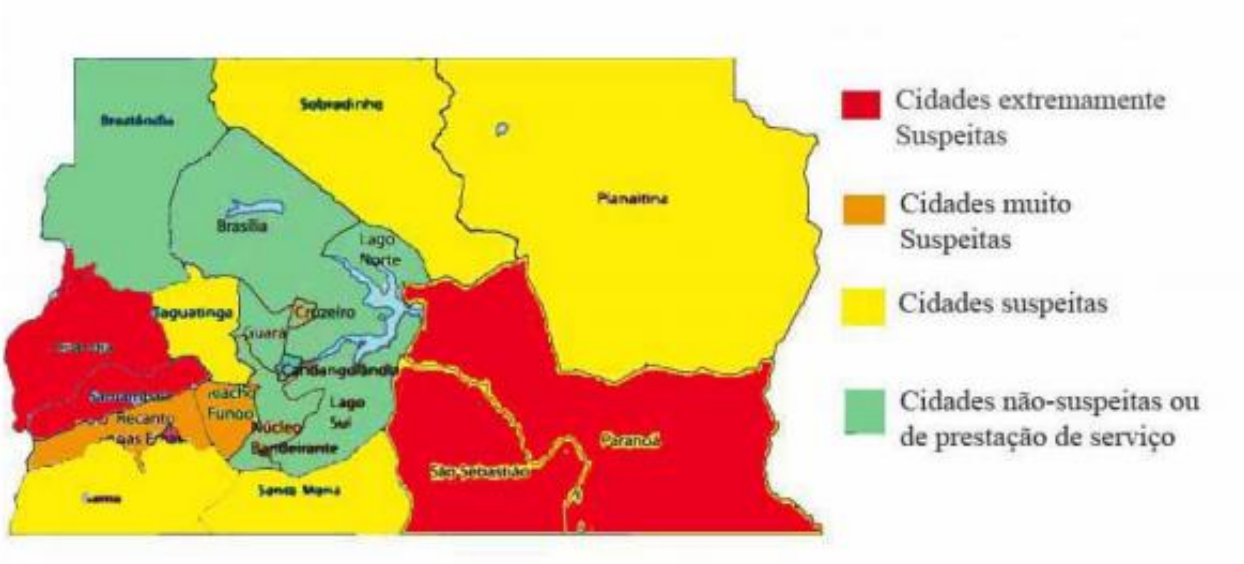
Mesmo que uma determinada ação seja orientada por alguma política de segurança, as percepções dessas regiões para os policiais já podem estar estruturadas em seu imaginário. Sendo assim,

> "Os policiais que trabalham na cidade conhecem os setores e os lugares/pontos suspeitos. As abordagens realizadas por esses policiais são executadas com maior "energia" quando são realizadas em pontos ou setores suspeitos. Em locais não-suspeitos as abordagens são realizadas com menos energia. " (2009, p.123)

O que estou tentando dizer é que existe uma relação muito próxima entre a suspeição geográfica e os suspeitos. E mais, essa suspeição construída diz respeito à periferia do DF. E na periferia estão localizadas comunidades e famílias negras. E nesse sentido, realmente não há de se estranhar que para o jovem da periferia "não dá para compreender o trabalho da polícia" ou não ter receio da mesma.

Silva aponta, ainda, um mapa de quais são os lugares suspeitos da PMDF:

Mapa 1: Percepções das Cidades Suspeitas do Distrito Federal pelos Policiais Militares



Fonte: SILVA, Gilvan Gomes da. (2009)

Se voltarmos nas respostas de quais são as cidades em que os policiais entrevistados moram, vamos perceber que parte deles estão entre as chamadas regiões suspeitas e as muito suspeitas.

> "Na verdade esses embates não acontecem porque os jovens são negros, mas porque o jovem é pobre. E pelo fato de ser pobre ele se envolve na criminalidade, e se envolvendo na criminalidade, ele vai bater em algum momento com a polícia. [...] Porque eu só achava assim, não tem (números pra dizer assim "não é por conta disso", não, não tem), e você quem vai ter com certeza. Mas na minha opinião particular, é porque a maioria dos confrontos, quer dizer, os confrontos acontecem por conta da criminalidade, o camarada está praticando algum crime, você confronta com ele, essa é a regra. Eu não estou falando da exceção que pega algum caso inusitado, mas essa é a regra. É por conta disso. E a criminalidade está vinculada as classes sociais menos favorecidas. E as classes sociais menos favorecidas a maioria são negros, como nós dois somos negros e moradores da periferia. Então eu penso que essa é a sequência, não porque eles eram negros, mas porque [*inaudível*] eles eram jovens, mas eu também não estou querendo dizer que a polícia mata o pobre, a gente também não pode cair em outro... Não, mas porque o confronto acontece com quem tem menos oportunidade, e quem tem menos oportunidade? São os pobres. E quem são os pobres em sua grande maioria? São negros. Então essa é a sequência." (Policial masculino, oficial)

Nesse discurso, percebemos a ligação entre classe e raça na tentativa de justificar ações que estão perpetuadas nas instituições brasileiras na forma de racismo. Além do racismo, o preconceito de classe. No caso, uma categoria não exclui a outra e os discursos institucionais e o mito da democracia racial insistem em colocar classe como o maior operante nas formas de discriminação ocorridas no Brasil. Mas esquecem-se que como afirma Stuart Hall ao dizer que "raça é a modalidade na qual a classe é 'vivida'", [...]Ou seja, a produção da pobreza e da indigência está diretamente relacionada ao modo como o racismo incide sobre direitos sociais, especialmente aos direitos de proteção social[13]."

Apesar de toda a construção institucional de quem é o suspeito ou qual lugar é suspeito, podemos entender essa vigilância de outra forma. Um de nossos entrevistados chega a afirmar acima (Trajetória 6) que "A maioria hoje dos criminosos e dos presidiários são negros", e que ele não pode desconsiderar que parte das prisões no Brasil estão cheias de pessoas negras. O fato é que para além de questões sociais, dos discursos como falta de oportunidade ou da relação entre classe e raça que conhecemos existe vigilância maior sobre essas pessoas.

[13] Géledes, Instituto da Mulher Negra. Racismo Institucional, uma abordagem conceitual.

Angela Davis (2009), intelectual e ativista negra em "*A democracia da abolição: para além do império das prisões e da tortura"* argumenta que apesar de a argumentação de que o crime gera castigo, "o castigo pode ser consequência de outras forças", e não apenas por alguém ter cometido algum crime. A autora enfatiza que

> "[...] a punição pode ser vista mais como consequência da vigilância racial. O aumento da punição é mais comumente resultante de um aumento na vigilância. As comunidades que são objetos de vigilância policial têm muito mais chances de fornecer indivíduos para a indústria da punição. Mais importante que isso, a prisão é a solução punitiva para uma gama completa de problemas sociais que não estão sendo tratados pelas instituições sociais que deveriam ajudar as pessoas na conquista de vidas mais satisfatórias. [...] Seguindo essa lógica, as prisões tornam-se uma maneira de dar sumiço nas pessoas com a falsa esperança de dar sumiço nos problemas sociais latentes que elas representam." (2009, p. 47-48)

Ou seja, se há vigilância maior em comunidades com maior concentração de negros, sim podemos ter um maior encarceramento de pessoas negras. A lógica da suspeição está para esses policiais assim como está para a instituição, o que não excluí a ideia de que eles estejam trabalhando de maneira a impedir que abordagens racistas aconteçam em serviço.

3.3 – O policial e o jovem negro: entrelaçamento de vidas semelhantes

Nesse subcapítulo, analisamos esse entrelaçamento de vidas. Quando mencionamos entrelaçamento, o interesse está nessas experiências de vida tão em comum que encontramos entre jovens negros da periferia e policiais negros também da periferia.

Percebe-se no decorrer desse trabalho as semelhanças entre origens, entre experiências. Nessa trama, vemos o policial que sai da posição de vigiado quando veste a farda, para a posição de vigilante.

> Entrevistadora: Você percebe diferença quando fardada e quando não fardada frente a sociedade?

> “Já. Eu não sei as vezes também eu tento não colocar isso na minha cabeça, sabe? Não me auto discriminar. Mas se, por exemplo, não estou ultra mega bem vestida, normal e já fui em lojas com minha filha eu era tratada como seu eu fosse entrar para pedir.
> Entrevistadora: Isso sem farda?
> Sem farda. Agora fardada nunca ninguém se atreveu a olhar diferente para mim não. Agora sem farda já, várias vezes.” (Policial feminina, oficial)

Neuza Santos Souza (1983) fala sobre a associação da negritude à miséria. Às pessoas negras é exigida excepcionalidade para que não lhes seja atribuída a ideia de miséria, pobreza, sujeira. Uma pessoa branca pode entrar com uma roupa mais simples numa loja e ser considerada consumidora, comum. Uma pessoa negra ou entra de farda ou “ultra mega bem vestida” para poder se tratada de maneira convencional.

> “Ela [*a pessoa*] olha a cor. Mas assim, eu me sinto protegido de receber uma discriminação direta, objetiva, velada não. Velada não tem como, a pessoa não vai estar passível de nada, né. Agora, uma discriminação direta, se a pessoa se dirigir a mim de uma forma discriminatória eu vou prendê-la e sem menor pudor, mas se é velado não tem como eu saber. ” (Policial masculino, praça)

O fardar e o ser policial é exercer poder, antes de mais nada.

> “Mas os espaços, às vezes o poder de fala e o local que a gente está, te dá a mesma possibilidade de você ser discriminado diretamente. Então as discriminações que eu sofria na periferia, só de ser policial o cidadão já não tinha mais esse tipo de atitude, por eu ser policial, e não por deixar de ser racista, por eu ser policial eu tenho poder de prendê-lo agora.” (Policial masculino, praça)

Nesse caso, o policial não deixa de ser negro, mas passa a ser alguém que eles não podem mexer, porque se mexer ele pode prender.

A farda, nesse sentido, se torna quase como um signo que implica a sujeição à autoridade de uma pessoa negra unicamente pelo exercício do poder bélico, pelo potencial institucional do indivíduo. O que demanda uma mascaramento do racismo. Porque no momento em que esses policiais não estão fardados, mas estão como qualquer outro cidadão esse “revestimento” parece não existir mais.

A farda se coloca à frente da raça, não como um atestado da capacidade de pessoas negras serem mais que bandidas, não é sinônimo de que pessoas negras podem "dar certo". Ela revela, inclusive, como a polícia em geral é vista: poder acima de tudo, acima de prestígio, ética e serviço nobre. Nesse sentido a farda age como símbolo que mantem uma determinada ordem e que institui poder a alguém.

Bourdieu cunha do conceito de poder simbólico e o define como "O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (Bourdieu, 1989, p. 7). O poder simbólico age por meio de símbolos, que segundo o autor são instrumentos de integração social. Sendo assim, a farda faz parte desse processo de representações criadas socialmente e que está entendida aqui como formas simbólicas e que agem nessas relações entre policial e comunidade.

E, talvez, essa seja uma das poucas coisas que diferenciam o policial do jovem negro e suspeito. O fato é que suas origens estão entrelaçadas. O policial negro teve vivências como qualquer outro jovem de periferia. Apesar de muitos várias vezes em seus discursos amenizarem ou personalizarem a ação policial quando passaram por uma abordagem em sua juventude, ainda assim a suspeição esteve presente em suas histórias de vida, assim como hoje eles suspeitam de jovens negros. Parece contraditório, mas o fato de ser negro e já ter sido suspeito não excluiu a entrada na Polícia Militar. E o fato de ser policial hoje, não exclui suas vivências enquanto jovens negros do interior ou da periferia das grandes cidades. Para uns, o encontro entre policial negro e jovem negro, ou o encontro de policiais insistirem em abordar jovens negros parece um fato que para eles não deveria acontecer tão rotineiramente, pois entendem que o suspeito é semelhante a eles. Mas para outros, apesar da semelhança de cor e de origem o trabalho policial deve ser feito, independente de quem esteja do outro lado.

Considerações Finais

A discussão da presente monografia tinha como enfoque trabalhar com essas diferentes trajetórias trilhadas por policiais negros, mas quem em algum momento se cruzavam. Não apenas entre trajetórias dos próprios policiais, mas em relação ao seu encontro com jovens negros.

É preciso pontuar que diante das paginações que nos é limitado na escrita da monografia, vários assuntos que estavam para além de apenas contar a trajetória de vida dos nossos entrevistados poderiam ser abordados, mas acreditamos que esse texto não se esgota aqui, deixando aberta uma agenda de pesquisa para demais projetos a serem desenvolvidos.

Utilizamos aqui da discussão não apenas de identidade étnico-racial, como também do trabalho policial e os desafios que a profissão policial trouxe aos entrevistados. Vimos que muitas foram apontadas, entre elas o simples fato de ser policial, de optar entrar na carreira.

Percebemos que um dos determinantes dessa pesquisa é o fato de que a Polícia Militar brasileira é composta em grande quantidade por negros. Entre nossos entrevistados percebemos que a entrada na corporação se deu pelo surgimento de oportunidade, uma das poucas que eles tinham, como forma de terem estabilidade financeira e de ascensão social. O fato é que esses policiais não entraram na polícia por vocação, mas por falta de oportunidade ou escolha.

E apesar de uma profissão encarregada de poder e status, ela não inibiu da vida dos nossos entrevistados a relação com o racismo. O racismo estrutural, age dentro e fora da instituição. E apesar de hoje eles terem e mãos o poder de coerção e utiliza-lo a favor deles, ser policial negro não é ter um escudo que o protege do racismo.

O discurso institucional e a cultura policial é muito presente nas falas dos entrevistados. Mas está claro, que existe um racismo sistêmico na Polícia Militar que decide por si só quem será o abordado. Mas mesmo que isso apareça nas extensas discrições que é o suspeito, existem um pouco de sensibilidade para a questão entre alguns policiais dessa pesquisa. Entretanto, desmantelar essas estruturas racistas ainda

permeantes na Polícia Militar, é preciso com que os de dentro comecem a tomar discursos mais firmes a favor dos negros.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Sérgio. BARREIRA, César. A violência na Sociedade Brasileira. In: MARTINS, Carlos Benedito e MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Horizontes das Ciências Sociais no Brasil: sociologia, São Paulo: ANPOCS, 2010.

BARROS, G. da S. Filtragem racial: a cor na seleção do suspeito. Dissertação de Mestrado em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BRETAS, Marcos Luiz. A Polícia carioca no Império. In: Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, 1998, p. 219 – 234.

BRETAS, Marcos Luiz. ROSEMBERG, André. A história da polícia no Brasil: balanço e perspectivas. In: Revista Topoi, v 14, nº 26, jan/jul. 2013, p. 162 – 173.

COSTA, Arthur. T. M; MATTOS, Márcio. J. S; SANTOS, Layla M. dos. O novos padrões de seleção na Polícia Militar do Distrito Federal. In: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, nº 11, ago/dez 2012.

COTTA, Francis Albert. Olhares sobre a polícia no Brasil: a construção da ordem imperial numa sociedade mestiça. In: Fênix - Revista de História e Estudos Culturais, abr/mai/jun, v. 6, n. 2, 2009.

DAVIS, Angela Y. A democracia da abolição: para além do império, das prisões e da tortura. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

FERNANDES, Alan. Vitimização policial: análise das mortes violentas sofridas por integrantes da Polícia Militar do Estado de São Paulo (2013 – 2014). In: Revista Brasileira de Segurança Pública. São Paulo, v.10, n. 2, ago/set, 2016, p. 192 – 219.

FLAUZINA, Ana L. P. Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado. Dissertação de Mestrado em Direito, UnB, 2006

GÉLEDES, Instituto da Mulher Negra. Racismo Institucional, uma abordagem conceitual. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-

content/uploads/2016/04/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf. Acessado em: 03 jul. 2017.

GILL, Rosalind. Análise do Discurso. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. 7 ed. Petrópolis, RJ. Vozes 2008.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA. Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. 12 ed. Editora Vozes, 2000.

INSTITUTO SOU DA PAZ. Sou da paz analisa Estatísticas Criminais do Estado de São Paulo. 2016.

MISSE, Michel. "Crime, Sujeito e Sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria 'bandido'". Revista Lua Nova, São Paulo, 79: 15-38, 2010.

MONTAGNER, Miguel Ângelo. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, n. 17, jan/jun, 2007, p. 240 – 264.

MUNIZ, Jaqueline. Ser Policial é, sobretudo, uma Razão de Ser: Cultura e Cotidiano da PMERJ. Tese de Doutorado em Ciência Política. IUPERJ/UCAM, Rio de Janeiro, 1999.

_____. A crise de identidade das Polícias Militares Brasileiras: Dilemas e Paradoxos na Formação Educacional. Security and Defense Studies Review, v. 1, 2001.

NASCIMENTO, Aline Maia. A linha tênue entre os vigias e os vigiados: as práticas policiais de pm's negros em seus encontros com a comunidade negra do Distrito Federal. Monografia em Sociologia, UnB, 2014.

OLIVEIRA JÚNIOR, A. LIMA, Verônica C. de. Segurança Pública e Racismo Institucional. 2013;

PIRES, George Luiz. A cor da farda: as relações raciais na Polícia Militar de Sergipe. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, 2010.

ROSEMBERG, André. Retrato policial: um perfil da praça de polícia em São Paulo (1868 – 1896). In: História vol. 29 n. 2 Franca Dec. 2010.

SANSONE, Lívio. Fugindo para a Força: Cultura Corporativista e 'Cor' na Polícia Militar do Rio de Janeiro. Estudos Afro-Asiáticos, ano 24, n. 3, 2002, p 513 – 532.

SENASP. O que pensam os profissionais de segurança pública, no Brasil. Ministério da Justiça. 2009

_____. Pesquisa Perfil das Instituições de Segurança Pública 2013 (ano base- 2012). 2014.

_____. Relatório Descritivo. Perfil das organizações de Segurança Pública. Perfil das Organizações Estaduais e Municipais de Segurança Pública. 2006.

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade Racial. Juventude Viva. 2014. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/55a-legislatura/cpi-morte-e-desaparecimento-de-jovens/documentos/audiencias-publicas/anuario-2. Acessado em: 03 de jul/ 2017.

SILVA, Gilvan Gomes. A lógica da Polícia Militar do Distrito Federal na Construção do Suspeito. Dissertação de Mestrado em Sociologia, UnB, 2009.

SOARES, L.E; ROLIM, M.; RAMOS, Silvia. O que pensam os profissionais da segurança pública, no Brasil. 2009. Ministério da Justiça, SENASP.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1983.

Apêndice 1 – Carta-Convite para a pesquisa

Brasília, 21 de setembro de 2016.

Prezada (o) Sra/Sr,

Sou Andresa Pereira de Sena, estudante da UnB e estou realizando uma pesquisa na área de profissão policial e relações raciais, com o objetivo de compreender os processos que levaram policiais negras/os (pardas/os e pretas/os) a ingressarem na PMDF.

Gostaria de pedir sua colaboração para a realização de uma entrevista e de possíveis contatos os quais você possa ter de colegas policiais negras/os que trabalharam/trabalham com você.

Sua colaboração, respondendo às questões que lhe são apresentadas, será condição indispensável para que sejam atingidos os objetivos aos quais o trabalho se propõe.

O anonimato é um pressuposto elementar deste trabalho: as opiniões colhidas serão de grande importância para os resultados que espero alcançar e serão mantidas em rigoroso sigilo.

Na expectativa de poder contar com sua inestimável contribuição, coloco-me à disposição para demais esclarecimentos que venham a ser necessários.

Desde já agradeço.

Atenciosamente,

Andresa Pereira de Sena.

Apêndice 2 – Roteiro para entrevistas semiestruturadas realizadas com a Policiais Militares negros do DF

I) Dados sócio-demográficos

1. Idade:
2. Sexo:
3. Estado civil:
4. Você tem filha/o(s)? Quantas/os?
5. Nível de escolaridade:
6. Curso de formação:
7. Você se considera negra/negro?

II) Local de moradia e relações familiares

8. Qual seu Estado de origem?
9. Comente sobre esse local? Centro ou periferia? Alto índice de violência?
10. Em que local você reside?
11. Você teve/tem familiares que seguiram/seguem carreira policial?

III) Escolha profissional

12. Por que você escolheu esta profissão? (trabalho/emprego)
13. Teve outra profissão antes desta?
14. Qual era sua visão sobre a polícia antes de entrar para ela?
15. Quanto tempo de serviço na Polícia Militar?
16. Qual seu cargo na PM?
17. Quanto tempo nesse cargo?

IV) Conteúdo do trabalho

18. Quais características você considera importante para ser um bom profissional da polícia?
19. Que função você desenvolve na PM?
20. O que é o policiamento ostensivo?

V) Abordagem policial

21. O que é a abordagem policial?
22. Antes de ser policial, já foi abordado pela polícia? Como foi o procedimento?

VI) Suspeito - Abordagem - Raça

23. Para você existem diferenças nas abordagens a depender do sujeito? Considerar fator cor/raça.
24. Você já identificou uma situação de racismo em abordagem policial?
25. Por estar fardado você já se sentiu "protegido" de situações discriminatórias?
26. Percebeu diferença quando com farda e quando sem frente a sociedade?

VII) Racismo Institucional

27. Já passou por situação de discriminação racial? Como foi?
28. E na instituição policial? Já passou por situações racistas?